

# cadernos IHU

ano 12 • nº 49 • 2014

**A Dádiva de Si e a “Juventude”:  
uma etnografia sobre movimento escoteiro**

**Caio Fernando Flores Coelho**

# A Dádiva de Si e a “Juventude”: uma etnografia sobre movimento escoteiro<sup>1</sup>

## *Self-Giving and “Youth”: an ethnography on scout movement*

Caio Fernando Flores Coelho  
Instituto Humanitas Unisinos – IHU

### Resumo

Este estudo disserta sobre as práticas de membros do movimento escoteiro no Rio Grande do Sul, com especial foco no trabalho voluntário. Além disso, investiga o momento de passagem da etapa etária chamada de *ramo pioneiro*, que caracteriza, para o movimento escoteiro, o período de três anos em que um *jovem* se torna um *adulto* ao completar 21 anos de idade. Para tanto, foi realizada pesquisa de campo através de observação-participante durante o período aproximado de dois anos (de jan./2011 a nov./2012), além de quatro entrevistas em profundidade. Como recurso adicional, foi realizada prática fotoetnográfica, cujo resultado está aqui integrado. Tendo como principal problemática investigar os sentidos que são dados para os valores defendidos pelo movimento escoteiro em relação ao voluntariado, foram utilizadas as categorias de “dádiva de si” e de “engajamento” para explicar questões levantadas ao longo deste estudo sobre a ideologia que defende o trabalho voluntário como fator essencial no programa pedagógico e na conformação de identidades destes jovens.

**Palavras-chave:** Movimento escoteiro, voluntariado, engajamento, dádiva, identidade.

### Abstract

This study discuss practices of scout movement’s members in Rio Grande do Sul, Brazil, with special focus on voluntary work. Otherwise, it investigates the passing moment of an age stage called *rover section*, which characterizes for the scout movement the period of three years where a *young* becomes an *adult* by turning 21 years old. It was realized fieldwork research through participant observation for a period of approximately two years (from Jan., 2011 to Nov., 2012), and four interviews as compliment. As additional resource it was realized photoethnographic practices, which results are integrated to this study. Having as principal aim to investigate the senses that are given for values defended by the Scout Movement in relation to voluntarism, it was used the categories of “give of self” and “engagement” to explicate questions raised along this study about the ideology that defends the voluntary work as essential factor in the educational program and in the conformation of identities of this youths.

**Keywords:** Scout movement, voluntarism, engagement, the gift, identity.

---

1 Este artigo é um excerto da dissertação de mestrado “A Dádiva de Si: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro” orientada pela Profa. Dra. Maria Eunice Maciel, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGAS/UFRGS e defendida no dia 19 de setembro de 2013 perante a banca composta por Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti (UFRGS), Profa. Dra. Ceres Gomes Victora (UFRGS) e Prof. Dr. José Alberto Baldissera (Unisinos). A defesa pode ser assistida em <http://dadivadesi.wordpress.com/banca/>.

**A Dádiva de Si e a “Juventude”:**  
**uma etnografia sobre movimento escoteiro**

**Caio Fernando Flores Coelho**

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

**Cadernos IHU** é uma publicação mensal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, apresenta artigos que abordam temas concernentes à ética, sociedade sustentável, trabalho, mulheres e novos sujeitos socioculturais, teologia pública, que correspondem às áreas de trabalho do Instituto. Divulga artigos provenientes de pesquisas produzidas por professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação, assim como trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Seguindo a herança dos *Cadernos CEDOPE*, esse periódico publica artigos com maior espaço de laudas, permitindo assim aos autores mais espaço para a exposição de suas teorias.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** José Ivo Follmann, SJ

**INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS**

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Jacinto Schneider

[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

**Cadernos IHU**

Ano XII – Nº 49 – 2014

ISSN 1806-003X (impresso)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Caio Fernando Flores Coelho; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Agemir Bavaresco, PUCRS, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Aitziber Mugarra, Universidade Deusto, Espanha, doutora em Ciências Econômicas e Empresariais; Prof. Dr. André Filipe Z. Azevedo, Unisinos, doutor em Economia; Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz, Unisinos, doutor em Filosofia; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Dr. Daniel Naras Vega, OIT, Itália, doutor em Ciências Políticas; Prof. Dr. Edison Gastaldo, Unisinos, pós-doutor em Multimeios; Profa. Dra. Élide Hennington, Fiocruz, doutora em Saúde Coletiva; Prof. Dr. Jaime José Zitzkosky, UFRGS, doutor em Educação; Prof. Dr. José Ivo Follmann, Unisinos, doutor em Sociologia; Prof. Dr. José Luiz Braga, Unisinos, doutor em Ciências da Informação e da Comunicação; Prof. Dr. Werner Altmann, doutor em História Econômica.

**Responsável técnico:** MS Caio Fernando Flores Coelho.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Arte da capa:** tomasinhas (www.solilente.wordpress.com)

**Editoração eletrônica:** Rafael Tarcísio Forneck

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto

Humanitas Unisinos. – [Ano 1, n. 1 (2003)]- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Irregular, 2003-2012 ; Mensal, 2013-.

Fusão de: Cadernos CEDOPE : série cooperativismo e desenvolvimento rural e urbano; com Cadernos CEDOPE : série população e família; com Cadernos CEDOPE : série movimentos sociais e cultura; e, Cadernos CEDOPE : série religiões e sociedade.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu>>.

Descrição baseada em: [Ano 1, n. 1 (2003)] ; última edição consultada: Ano 12, n. 46 (2014).

ISSN 1806-003X

1.Sociologia. 2.Religião. 3.Trabalho. I.Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

2

331

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

**ISSN 1806-003X (impresso)**

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial do Cadernos IHU:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# Sumário

<b>Prelúdio</b> .....	5
<b>1 Uma etnografia com escoteiros</b> .....	7
1.1 O estudo.....	14
<b>2 Escotismo, movimento escoteiro e a instituição União dos Escoteiros do Brasil – UEB</b> .....	18
<b>3 O que os pioneiros fazem? O que faz dos pioneiros, pioneiros?</b> .....	24
3.1 Vivência do ramo pioneiro.....	24
3.2 Trabalho Voluntário .....	43
<b>4 O que é a dádiva de si no movimento escoteiro? Ou sobre engajamentos ...</b>	50
<b>Conversa de Fogo de Conselho nº 29: Sobre “juventude” e conceitos restritos.</b>	66
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	70

# Prelúdio

## I

Calma. Começar um texto sempre é uma tarefa árdua. A primeira palavra, após o fechamento do texto, será única e solitária. Ela sempre será o primeiro ponto, o cartão de visitas do texto. Da mesma forma, a última frase de um texto ou de um livro sempre teve certo sentido mágico. “E o resto é silêncio”, como diria Shakespeare, que foi talvez o ser humano mais bem-sucedido neste ponto até hoje. Mas, tenho de admitir, a verdadeira ‘magia’ está em descrever a experiência, em descrever uma experiência humana. Ela não está contida na primeira palavra nem na última frase de um texto. Ela está presa, cristalizada, em torno de uma narrativa que é estabelecida pelo autor, seja intencionalmente ou não (Salinger sempre me deu a impressão de não fazer a menor ideia de onde seus textos iriam chegar!), na conformação de palavras sequenciadas que, espera-se, façam algum sentido em seu todo.

“Escoteiros acampam.” Preciso partir de algum ponto e acredito ser pertinente começar este estudo falando sobre uma imagem recorrente quando se fala do movimento escoteiro. Realmente, escoteiros acampam, mas somente isso? Existe, em toda manifestação social, uma superfície que em si própria revela a qualquer observador toda a sua natureza? Pois, acredito que sempre há algo a mais, apenas, por vezes, é o olhar que não o identifica.

Interessante observar o quão difícil é encontrar alguma pessoa que não saiba o que é o movimento escoteiro, mesmo que seja um entendimento já carregado por um estereótipo. Facilmente as pessoas reconhecem o uniforme (em especial as calças curtas), os chapéus, as meias cinza, os canivetes, os bastões, os apitos, os lenços...

Não pretendo ser leviano, e para isso é necessário reconhecer que não havia até este momento citado uma dificuldade: este estudo fala, em parte, de minha própria identidade. Eu reconheço nestes jovens, cujas experiências relatarei, processos similares, ideias parecidas e algumas vezes discordantes de coisas que vivi.

Existe um vocabulário próprio, um gestual particular, existe um sistema simbólico que carrego comigo. O que empreendo aqui é um exercício de desnaturalizar estes elementos que até certo momento foram aceitos por mim como “naturais” ou “inatos” na mesma via que aponta Judith Butler ao comentar sobre a construção do sujeito. *Ser escoteiro* acaba por constituir um estilo de vida, um sistema ontológico próprio em suas especificidades. A proposta deste estudo é tecer ponderações e realizar um estudo sobre “juventude” abordando o escotismo. Mostrar o que está além do acampamento, estudar os valores que este movimento prega e o que o escotismo faz, há mais de cem anos, com diversas gerações de jovens.

## II

Seria possível apreender as propostas que Sontag postula em seu “Contra a interpretação” para o exercício visual etnográfico? É especialmente instigante sua conclusão, de onde deriva toda sua argumentação: “Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte” (1987:23). Sempre procurei seguir esta máxima em minhas pesquisas, mas tenho de admitir que é muito fácil cometer erros nesta intenção. Vias de fato, acabo muitas vezes por realizar uma interpretação em seu sentido mais árido, ou seja, uma vivisseção do objeto de estudo.

Entendo, pois, que este princípio não é somente aplicável ao campo dos estudos culturais ou da história da arte, mas a todo e qualquer assunto em que busquemos o “espírito das coisas”. Inclusive em nossos fazeres antropológicos. E qual outro papel o antropólogo possui, além de poder enamorar-se da humanidade e buscar nela conhecimento, por mais universalista que isso pareça?

O conselho de Sontag se volta especialmente para os estudos acadêmicos sobre a arte produzida por outrem (no caso, um artista), seja no cinema ou na pintura. Porém, no escopo da etnografia visual, esta relação se inverte, pois temos o pesquisador produzindo imagens. Neste momento, em que o antropólogo se coloca como produtor de “sentido” através da imagem, não passa ele a ser um artista?

Acredito que não somente é possível uma erótica da arte, como a autora propõe, mas também é possível uma erótica da humanidade – e não um ‘humanismo erotizado’. A busca por um conhecimento fértil que apresente a humanidade em seu conteúdo não distanciado em instâncias “científicas”, engavetadas e lobotomizadas pela teoria.

Uma antropologia visual engajada não deveria realizar um trabalho cujo produto de alguma forma denegrísse a imagem de seus interlocutores. A antropologia visual deve mostrar a condição humana, mas em seu lado belo, em sua faceta digna.

Ao mesmo tempo, ela não deve mascarar a realidade em um belo conto de fadas. Existe disputa social, existe tensionamento em todas as dimensões sociais, mas o que cabe ao antropólogo visual é segurar uma balança (ou uma câmera fotográfica) e estabelecer uma *poética* através do que é visto e do que ele decide relatar, e aqui está a grande questão: o que o antropólogo *decide* relatar. É neste ponto que as questões da conduta ética se mostram necessárias.

Assim como a presença do antropólogo em pesquisa de campo sempre “incomoda” e altera as interações que antes ocorriam de determinada maneira, o ato de realizar imagens, a partir destas pessoas, também causará estranhamento, já que o mito do antropólogo como “nativo” nunca foi fielmente bem-sucedido.

Segundo Barthes (1984:22): “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseo-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer (...)”

Por outro lado, uma verdadeira ‘erótica do fenômeno humano’ demonstra efeitos positivos quando da retribuição da obra realizada. Nosso objetivo, ao mostrar o lado belo e digno das pessoas, mostra sua valia ao nos ajudar a estabelecer maior vínculo com elas e aumentar a interação durante a realização da pesquisa de campo. Elas ainda vão se metamorfosear diante da câmera, mas caso se chegue ao ponto em que a câmera vai mortificar alguém, está na hora de repensar certas condutas do pesquisador.

Enquanto a aura da obra de arte, para Benjamin, perde a sua essência na “era da reprodutibilidade técnica” devido à reprodução em larga escala, para o antropólogo, a capacidade de reprodução faz com que sua obra ganhe essência, pois a aura do objeto antropológico é, na verdade, constituída pelo sujeito do qual fala, e a facilidade de sua reprodução apenas auxilia a propagação de um relato, ou a propagação do conhecimento antropológico realizado. E assim, talvez a reprodução não gere aura, mas certamente gera *han*.

É necessário encontrar a dimensão do humano que pretendemos mostrar. E a única forma que isto me parece possível é através desta lente (mental) que devemos criar para poder enxergar uma ‘erótica do humano’. Assim como é necessário enamorar-se do nosso fazer antropológico, é necessário enamorar-se do ser humano em si mesmo.

# 1. Uma etnografia com escoteiros

*“One said and I quote I just read this thing that you wrote in college  
A trenchant critique of anthropology being accepted as a social science  
And not the art of educated observation  
And all the things that we can learn about ourselves in the context of someone else”*  
(Mike Kinsella, “A Trenchant Critique”, Owen)

Este estudo busca colaborar para um maior entendimento sobre o movimento escoteiro brasileiro e abrir novas perspectivas sobre a pesquisa acadêmica em relação a movimentos de juventude. O movimento escoteiro é um tema pouco abordado pelos estudos acadêmicos no Brasil, salvo algumas exceções, especialmente localizadas nas pesquisas de história da educação. Neste caso específico, desejo enfatizar o caráter de busca por uma nova abordagem em relação ao objeto, pois até onde pôde ser verificado pela pesquisa bibliográfica, não existe na produção antropológica brasileira estudos que dissertem sobre o escotismo conforme praticado pela União dos Escoteiros do Brasil. De outro modo, é importante frisar a constituição da problemática deste estudo, focado no movimento escoteiro, porém centrado nas perspectivas de voluntariado, movimentos de juventude e “formação” de jovens.

Segundo levantamento da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, os escoteiros de associações afiliadas a esta organização somam mais de 30 milhões de membros (fato especialmente veiculado no XXII Jamboree Mundial Escoteiro, julho-agosto de 2011, Suécia), com presença em 161 países e territórios<sup>1</sup>. No caso do Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil conta com mais de 69 mil afiliados, dos quais cerca de 8 mil pertencem à Região Escoteira do Rio Grande do Sul<sup>2</sup>. A partir destes números, o mo-

---

1 World Organization of the Scout Movement:  
[http://www.scout.org/es/acerca\\_de\\_scouting/estadisticas/censos](http://www.scout.org/es/acerca_de_scouting/estadisticas/censos).

2 União dos Escoteiros do Brasil. Relatório Anual 2011:  
[http://www.escoteiros.org.br/arquivos/relatorios\\_anuais/relatorio\\_anual\\_2011.pdf](http://www.escoteiros.org.br/arquivos/relatorios_anuais/relatorio_anual_2011.pdf).

vimento escoteiro se afirma como o “maior movimento de jovens do mundo”. Apesar de tal afirmação ser dificilmente verificável por algum estudo comparativo, é inegável que este movimento constituiu-se de extrema importância para o entendimento dos movimentos de juventude, devido à sua abrangência territorial e seu método particular de trabalho, baseado na pedagogia proposta nas obras de Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), comumente referido sob a sigla *B-P* (que meus interlocutores leem conforme a pronúncia na língua inglesa: “Bi-Pi”). Tenente-general do exército britânico, escritor e desenhista, ele usufruiu de grande fama no Império Britânico a partir do ano de 1899, devido ao sucesso na liderança da defesa do Cerco de Mafeking (durante a Segunda Guerra dos Bôers na África do Sul) e por causa de seus vários livros publicados sobre suas experiências militares e sobre o movimento escoteiro.

Os estudos elaborados até o momento não possuíam cunho etnográfico, e é este ponto que acredito ser interessante na abordagem que desenvolvi. Um estudo de imersão baseado na experiência que estes jovens vivenciam através do escotismo, como são planejadas e executadas suas atividades e qual a filosofia que as guia. A partir da vivência da pesquisa de campo, encontrei-me interpelado constantemente por falas sobre “servir” ao próximo e sobre o movimento escoteiro ser uma maneira de formar “melhores cidadãos”, ou seja, um discurso deste movimento sobre o trabalho voluntário, sobre engajamentos e práticas e discursos estabelecidos a partir destes. Doravante, minha proposta com este estudo é etnografar como práticas e discursos no movimento escoteiro relacionam categorias como “trabalho voluntário” e “juventude” através de um “processo pedagógico” visando gerar engajamentos específicos.

Quando comecei a pensar este estudo, nos últimos meses de 2010, meu objetivo era realizar um estudo sobre o *ramo pioneiro*<sup>3</sup> no Rio Grande do Sul, porém buscando o código de rituais que eles chamam de “mística”, que nada mais é do que uma temática utilizada pelos *clãs* em seus cerimoniais. O pendor para esta ideia veio do meu interesse por clãs de “mística medieval” que se configuravam como uma das tantas releituras da Idade Média na cultura contemporânea, seguindo uma linha direta com minha monografia de conclusão da graduação em História<sup>4</sup>. Pensava que poderia estabelecer, assim, uma ligação com minhas pesquisas anteriores, que justamente investigavam as releituras da Idade Média no Cinema, focando as lendas arturianas (estudos inspirados especialmente por obras de Peter Burke, Jacques Le Goff e François de la *Bretèque*).

---

3 O ramo pioneiro compreende a fase em que o jovem se encontra entre 18 e 21 anos incompletos e se especializa em atividades que podem ser resumidas no seu lema: “servir”, que é o assunto desta dissertação.

4 COELHO, Caio F. F. *De Gildas a Antoine Fuqua: Rei Arthur e o cinema*. 2008. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.



XXX Mutirão  
Regional Pioneira  
Coxias do Sul

Ramo Pioneira

Esta hipótese já não consta como tema deste estudo. E a mudança na direção da pesquisa se deve ao contato com o aparato conceitual antropológico e à revisão bibliográfica de estudos sobre escotismo realizada para esta pesquisa, assim como a pesquisa de campo realizada em 2011 e 2012.

A pesquisa de campo “preliminar” começou em janeiro de 2011 e se estendeu até agosto do mesmo ano, contou com minha participação em dois eventos internacionais (XI Fórum Mundial de Jovens Escoteiros, Blumenau/SC, janeiro de 2011 e XXII Jamboree Mundial Escoteiro, Suécia, julho-agosto de 2011), três visitas a *clãs pioneiros* em cidades do interior do estado (Erechim, Passo Fundo e Santa Maria) e participação em alguns outros eventos regionais e locais (região metropolitana e região da serra gaúcha).

Pretendia, para o começo de minha pesquisa, obter um quadro mais amplo do ramo pioneiro no estado do Rio Grande do Sul, para poder fundamentar uma futura escolha para um estudo mais localizado, assim como queria saber se existia potencial para um estudo sobre a “mística” dos clãs.

De outra forma, o que sempre pautou a ideia de estudar somente o ramo pioneiro, em detrimento dos outros ramos ou do movimento escoteiro como um todo, foi o lugar que este ramo ocupa na estrutura do programa de formação de jovens do movimento escoteiro. Como pergunta Meira (2009:11): “Se as faixas e os graus etários variam de cultura para outra, seguem-se as indagações: na sociedade moderna, o que diferencia um jovem de um adulto? Existem ritos de passagem da juventude para o status de adulto?”.

O argumento deste estudo sempre se baseou na hipótese de que o ramo pioneiro se constitui como uma *passagem*, na estrutura etária proposta pelo movimento escoteiro, por ser o estágio que prepara o jovem para se tornar um *adulto*. É importante neste momento compreender que a discussão sobre o conceito “adulto” na sociedade moderna é um tema complicado, pois, como afirma Meira:

O rito de passagem de forma institucionalizada nas sociedades modernas parece suprimido. Sem sua celebração, perdem-se elementos importantes. Muito mais do que elaborações ou dramatizações secundárias que, à primeira vista, parecem aparar os conflitos gerados pela transição difícil de uma posição a outra, o foco dos ritos de passagem não é apenas o jovem. Alcançam a dimensão do indivíduo como proposição da mudança de status, promovem o voltar-se para o outro, um sentir por intermédio do estar e fazer juntos. (Meira, 2009:15)

Em termos, é possível afirmar que o ramo pioneiro se constitui como uma *passagem*, não exatamente um rito de passagem (Turner, 1974; Van Gennep, 1978) por causa de sua longa duração, mas sim um *momento* de passagem, marcado por diversos rituais, de passagem e de outras especificidades: uma zona de transição para a vida adulta (Guedes, 1997). Na visão do movimento escoteiro, o ramo pioneiro se constitui pelo arrefecimento da competição entre equipes e por certos tipos específicos de atividades que valorizam

a colaboração, a articulação política, a execução de projetos voluntários em equipes de interesse, o “estar e fazer juntos”.

Foi por meio da constatação destes elementos, voluntariado e momento de passagem, que finalmente enxerguei o elemento central, o cerne constituinte da formação de identidades de jovens através do movimento escoteiro.

Não estou expondo aqui uma observação romantizada do escotismo. Estou apenas afirmando que existe *ad nauseam* um discurso de *serviço ao próximo*, como os próprios escoteiros dizem (na versão mais judaico-cristã possível). Estou afirmando que estes escoteiros possuem uma ideologia que objetiva este discurso em certas práticas, que a União dos Escoteiros do Brasil pode ser caracterizada como uma organização “guardiã de valores”, segundo a categorização de Krammer (*apud* Fonseca, 2001:18).

Neste sentido, afirma Fonseca, com base na categoria de Krammer, que “as organizações voluntárias (guardiãs de valores) devem promover a participação dos cidadãos, desenvolver qualidades de liderança, proteger os interesses especiais de grupos minoritários, bem como assegurar a vitalidade de valores sociais como o voluntarismo e a solidariedade”.

Porém, o voluntariado não pode aqui ser tratado levianamente. Em um primeiro momento, é comum que se aceite voluntariado como sendo constituído por altruísmo. No entanto, conforme afirma Fonseca:

o voluntariado não seria necessariamente determinado por motivações altruísticas, uma vez que é geralmente assumido que recompensas diversas são colhidas pelos voluntários na sequência do seu serviço e existiria base para identificar motivações instrumentais paralelamente às primeiras. Nesta sequência o altruísmo como característica central da operacionalização de motivos ligados à decisão de aceitar e manter uma linha de acção voluntária seria um objecto de inquirição empírica em vez de um item definitório. (Fonseca, 2001:20)

Então, a questão que deve ser pensada é: Qual o motivo para estes jovens realizarem estas atividades voluntárias e por que o escotismo defende este *serviço ao próximo*?

Para responder a esta questão é preciso dissertar sobre uma característica que penso ser essencial para a constituição de uma identidade própria aos membros do movimento escoteiro. Baseada não em relação ao que é mais estereotipicamente notado quando se fala sobre este movimento<sup>5</sup>, mas sim de um tópico mais subjacente, de certa forma mais subjetivo, que se resume na frase: “ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião”, ou seja, doar-se.

As palavras citadas acima fazem parte de uma fala utilizada em uma cerimônia de juramento e investidura feita quando os membros entram no movimento escoteiro. Chamada simplesmente de *Promessa*, é a partir deste momento que o indivíduo ganha o direito de utilizar certos símbolos sobre si que demonstram sua afiliação ao movimento,

---

5 Que poderia ser dito como “o que eu porto, levo ou mostro em mim mesmo”.

especialmente o lenço ao redor do pescoço. Nota-se que a grande maioria sabe este texto de cor: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para cumprir meus deveres para com Deus e a minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à Lei do Escoteiro”.

*Diogo<sup>6</sup>: Eu acho que o movimento escoteiro é reflexo da sociedade, em todos os pontos. Na verdade, ele... Quando a sociedade evolui, quando a sociedade cria novos meios de comunicação, quando a sociedade cria novas culturas, novos jeitos de se relacionar, o movimento escoteiro acompanha ela, e não é intencional, ninguém manda nisso, é natural. É que nem a linguagem, eu acho... As pessoas estão mudando e o movimento escoteiro, ele vai mudar, independente. Ele vai ser puxado, 100 anos foi isso. Quando o cara<sup>7</sup> criou isso, o mundo era outro, totalmente arcaico, nada do que a gente tem hoje existia. E a regra básica do que ele criou segue, o cerne continua intacto, se tu para pra pensar. A questão dos valores, a questão de... E mais do que isso, eu acho que a questão do civismo, do patriotismo, eu acho que tinha coisas que eram muito mais fortes. E hoje, eu acho que só nós restamos com isso. Acho que só o movimento escoteiro ainda tem algum ponto de trabalhar a questão do amor à pátria.*

*Caio: Este civismo?*

*Diogo: É. Esses valores de se sentir parte de um país, e junto com isso essa questão de ter uma família, essa questão própria da religião... ah, seja lá tua religião, acredite em alguma coisa, seja uma crença, seja alguma coisa. Acho que as outras doutrinas são direcionadas. O Colégio Militar, o que ele quer? Ele quer formar os caras que vão trabalhar, então. A igreja, o que é que ela quer? Ela quer formar o seu fiel. Eu acho que a gente é uma coisa mais universal, uma coisa mais...*

Esta tríade *Deus-Pátria-Próximo* forma a base ontológica do movimento escoteiro e reforça a influência de tradições judaico-cristãs e anglo-saxãs nele. É claro que é necessário fazer ressalvas quanto a este ponto, pois tais conceitos são adaptados conforme a realidade local onde este fenômeno ocorre. Para o universo desta pesquisa, vejo estes elementos sendo operacionalizados por escoteiros gaúchos em vias de idealizar uma dispensa de seu próprio tempo, de seu próprio trabalho, de seu próprio sangue (já que é prática comum realizarem-se campanhas de doação de sangue entre escoteiros), de sua própria identidade em prol de uma coletividade instanciada em discursos específicos.

---

6 Neste estudo serão citados trechos de conversas que optei por assinalar em itálico ao longo do corpo textual para que não houvesse quebras abruptas na leitura. Os nomes dos interlocutores foram mantidos, com sua autorização.

7 Aqui, por “cara”, Diogo se refere a Baden-Powell. É comum encontrar vários apelidos que se referem ao fundador do movimento escoteiro: B-P, “o cara”, “velhinho”. Estes apelidos não devem ser tomados no sentido pejorativo, mas sim afetuosos, como um sinal de familiaridade e respeito ao mesmo tempo.



Entendo este texto como um questionamento, e nada além disso, por acreditar que uma boa abordagem do que poderia ser conceituado como a “dádiva de si” necessitaria de maior espaço e tempo de discussão. Por agora, pretendo abordar dois pontos específicos: a) o que seria uma noção do doar-se em um sentido lato e b) uma defesa do doar-se enquanto conformador de um *habitus* para o movimento escoteiro.

“Troca”, “reciprocidade” e “dádiva” são categorias que podem ser facilmente interpretadas entre si como equivalentes. Porém, para os objetivos aqui postulados, atenho-me de iniciar uma discussão em torno das definições destes termos e pretendo focar o que busco neste texto, a noção ou o processo de desprender algo de si mesmo para oferecer a outra pessoa.

Conforme Sabourin, sobre a obra de Mauss:

Mas (...) como a supremacia da sociedade ocidental sugere fortemente que a troca seja a forma mais evoluída das prestações humanas, a solução mais fácil para ligar troca e dádiva seria interpretar a reciprocidade das dádivas como uma troca arcaica. Precisaria, então, reduzir o *mana*, que segundo as referências indígenas comanda a reciprocidade, a um valor que pudesse ser trocado. Mauss atribui o *mana* ao doador, como uma propriedade espiritual; assim, dando algo, dá-se algo de si mesmo. A noção de dádiva de si leva à ideia de que a dádiva cria uma dependência para com o outro, porque o *mana*, o ser do doador, seria inalienável. Portanto, aquele que receberia esse símbolo seria obrigado a restituí-lo ou a ficar sob a sua dependência. (Sabourin, 2008:134)

Enquanto, segundo a afirmação acima, a troca arcaica seria esta reciprocidade das dádivas (dom, contra-dom), por envolver *mana*, *hau*, ou uma espécie de dimensão espiritual, Le Gall-Ely, Urbain e Gonzalez postulam outra perspectiva, ao afirmar que “a dádiva contribui à essência e participa da existência do indivíduo em diferentes níveis: a construção de um eu, a expressão de um eu e o pertencimento a um nós”<sup>8</sup> (2010:26).

O que me parece essencial, em todos os aspectos abordados até este ponto, é o fato de que o discurso do humanitarismo inspira um voluntariado que acaba por configurar um estilo de vida que constitui/implica um sistema simbólico ou um *cerne*. Dessa forma, é constituído um discurso comum e uma identidade comum aos escoteiros enquanto pessoas que “fazem o bem” ou que “buscam criar um mundo melhor”.

## 1.1 O estudo

Visei, na pesquisa de campo, acompanhar alguns pioneiros do estado do Rio Grande do Sul e, para tal, utilizei prioritariamente observação-participante (Malinowski, 1978)

---

8 Tradução minha a partir do original: “Le don contribue à l’essence et participe de l’existence de l’individu à différents niveaux: la construction d’un Je, l’expression du Je et l’appartenance à un Nous.”

nas conversas informais e no acesso às redes de amizades destes jovens. Em um segundo momento, investi um maior esforço para certas tentativas fotoetnográficas<sup>9</sup> e entrevistas em profundidade.

Este trabalho e a conformação da pesquisa de campo sempre foram objetivados para cultivar certa polifonia dos interlocutores (Clifford, 1998). E, para tal fim, o caderno de campo e as entrevistas demonstraram grande relevância. A observação-participante na verdade deveria ser mais bem entendida em relação a este estudo enquanto uma “participação-observante”. Este fato ocorreu devido às interpelações que eram postuladas para mim enquanto pesquisador nas saídas de campo, pois apesar de sempre declarar minhas intenções de pesquisa para meus interlocutores em muitos momentos, eles nunca me consideravam apenas um observador. Um acordo tácito estava firmado a partir do momento em que tivesse a autorização para estar em campo: eu deveria colaborar com as atividades desenvolvidas. Dessa forma, cabe afirmar que eu nunca fui apenas um etnógrafo em campo, mas um escotista<sup>10</sup> e pesquisador, que estava realizando uma pesquisa sobre um “nós” do qual fazia parte.

A partir deste ponto, comecei a exercer uma rigorosa vigilância epistemológica, pois estava a todo momento sendo interpelado de várias formas por pessoas que muitas vezes se esqueciam de minha pesquisa, apesar de o saberem. Especialmente com meus principais interlocutores, que frequentam minha casa e são amigos próximos, era difícil conseguir separar o que era intimidade/familiaridade e o que era material de pesquisa. Neste ponto, Ingold (2011:243) possui uma reflexão próxima ao afirmar que: “Nós (antropólogos) podemos ser nossos próprios filósofos, mas nós podemos fazer isto melhor graças à incorporação nos nossos engajamentos observacionais com o mundo e em nossas colaborações e correspondências com seus habitantes”<sup>11</sup>. Nesta questão, algumas crenças *naïves* romantizadas que eu possuía da antropologia se mostraram infrutíferas, pois eu passei a ser interpelado por meus interlocutores em minha própria casa.

As entrevistas em profundidade foram feitas na fase final da pesquisa (oficialmente a pesquisa de campo começou em janeiro de 2011 e terminou em novembro de 2012) com o objetivo de realizar uma narrativa mais detalhada da vivência do ramo pioneiro

---

9 O relato fotoetnográfico completo realizado durante a pesquisa pode ser acessado em <http://dadivadesi.wordpress.com/>. Ele é composto por três capítulos: Memorabilia (objetos de memória), Biophilia (retratos) e Cosmogonia (ações). Optei por colocar neste artigo apenas uma pequena amostra deste relato.

10 “Escotista” é o termo com o qual se denomina um adulto no movimento escoteiro (em geral, alguém com 21 anos ou mais) que trabalha com a formação de jovens (ou seja, um “chefe”), ao contrário do termo “escoteiro”, que é deixado apenas para denominar os jovens menores de idade.

11 Tradução minha a partir do original: “We can be our own philosophers, but we can do it better thanks to its embedding in our observational engagements with the world and in our collaborations and correspondences with its inhabitants”.

com alguns jovens. Cada uma delas foi realizada da seguinte forma: uma conversa informal com estes interlocutores, cujas falas foram gravadas em suas próprias casas. A ideia era fazer uma retrospectiva destes anos de movimento escoteiro (após completar 18 anos) através de objetos de eventos que eles guardavam como *souvenir*. O convite foi feito informalmente, porém não me foi negada nenhuma destas entrevistas; penso que isto seja resultado da interação durante a observação-participante.

Devo admitir que a produção imagética deste estudo é completamente pautada pela obra de Achutti (1997, 2004) no viés estético, performativo e de registro, porém desejo fazer a ressalva de que não considero completamente satisfatória a busca da realização de uma fotoetnografia, no sentido de estabelecer, através da fotografia, narrativas sobre meu objeto de pesquisa, pois não acredito ser possível fazer uma leitura completa do objeto deste estudo *apenas* através das fotografias. De outra forma, nunca desejei subjugar a fotografia à mera ilustração.

Realizo uma reflexão sobre o que é o ramo pioneiro, focando especialmente na importância do trabalho voluntário enquanto ápice do sistema de formação pedagógica do movimento escoteiro para jovens entre 18 e 21 anos de idade. Assim como busco discutir o que este voluntariado significa para estes jovens. Intento, a partir desta polifonia, realizar um debate entre estas falas para propor um sentido comum de engajamento (Ramos, 2007; Hobsbawm, 2010), trabalho voluntário, humanitarismo, processo de passagem para a “vida adulta” e constituição identitária enquanto escoteiros.

Optei por estabelecer uma distinção sobre os textos extraídos diretamente do caderno de campo. Meu objetivo é de que eles sejam facilmente identificados e, para isso, a forma que encontrei de fazê-lo é colocando-os em outra fonte. Não posso negar também que a fonte de inspiração para isto vem do livro “A História sem Fim”, de Michael Ende, no qual a escrita se desenvolve em duas cores de fonte diferentes (no caso, vinho e verde-escuro) conforme a narrativa se desenvolve: uma reflete quando o personagem principal (Bastian) está lendo a história, a outra quando ele entra no livro e está participando da história. Convido-os, desta forma, a deixarem-se afetar pela percepção que tive nesta caminhada que realizei entre os escoteiros em minhas saídas de campo. Quanto às fotografias que fazem parte deste estudo, todas foram feitas por mim com câmeras diferentes, principalmente com uma Nikon D50 que me foi emprestada por meu amigo Alex Moraes, a quem gentilmente agradeço a cedência, uma outra Nikon D3100 de minha propriedade e algumas outras câmeras digitais portáteis que foram sendo utilizadas ao longo do caminho.

Da mesma forma, as falas de interlocutores serão destacadas com o uso da fonte em itálico. Assim, objetivo fazer distinção entre o que foi escrito por mim no caderno de campo e o que foi coletado e transcrito tal qual a partir de gravações de áudio.



## 2. Escotismo, movimento escoteiro e a instituição

### União dos Escoteiros do Brasil – UEB

O período de estabelecimento do movimento escoteiro no Brasil ocorreu entre os anos de 1909 e 1924. Entre 1909-1910, ocorreram os primeiros contatos de brasileiros com o movimento escoteiro no Reino Unido, especialmente através da Marinha Brasileira, resultando, em 1910, na fundação do *Centro de Boys Scouts do Brasil*, no Rio de Janeiro. A esta associação, segue-se a criação de várias outras em diferentes locais do país até que, em 1924, é fundada a União dos Escoteiros do Brasil – UEB, com o objetivo de centralizar todas as associações em uma única instituição.

No que se refere ao estado do Rio Grande do Sul, o movimento escoteiro teve seu primeiro espaço junto à Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa) em 1913, quando foi fundado um grupo escoteiro<sup>12</sup> em suas instalações. A Sogipa era apenas uma das inúmeras sociedades ginásticas alemãs no estado, e seu exemplo foi seguido em diversos locais, espalhando o escotismo pelo interior do estado. Em 1925, foi fundada a Associação Rio-Grandense de Escoteiros, que mais tarde se juntaria à União dos Escoteiros do Brasil (Santos Jr, 2001:12).

Hoje, o que é conhecido como movimento escoteiro é organizado institucionalmente no Brasil a partir de três associações: a União dos Escoteiros do Brasil – UEB (associada à World Organization of the Scout Movement), a Federação Brasileira de Bandeirantes – FBB (ligada à World Association of Girl Guides and Girl Scouts, sendo estas duas primeiras ligadas diretamente às associações internacionais fundadas pelo autor de Escotismo para Rapazes) e a Associação Escoteira Baden-Powell – AEBP (associada à World Federation of Independent Scouts, vista pelas duas primeiras instituições como uma dissidência de seus quadros). Dessa forma, o movimento escoteiro possui variações conforme a instituição ao qual está ligado e sofre de disputas em torno de suas definições, embora sua raiz seja uma só, baseada no método pedagógico proposto no começo do século XX. Além disso, existem associações voluntárias que atuam com propostas similares

---

12 Este grupo escoteiro existe até os dias de hoje e se chama Grupo Escoteiro Georg Black 01/RS.

com as três já citadas: o Clube dos Desbravadores, ligado à Igreja Adventista, a Ordem dos Escudeiros do Brasil (que se autodenomina com a confusa consigna de “movimento heráldico”), além de associações de certo modelo não centralizador, mas que flertam com algumas destas associações de caráter nacional, como os Escoteiros Florestais (Rio Grande do Norte e outros estados), a Liga do Escotismo Tradicional (especialmente atuante em Santa Maria-RS) e os Escoteiros Católicos de Porto Alegre.

Este estudo visa analisar o movimento escoteiro conforme praticado na União dos Escoteiros do Brasil, devido a: 1) sua presença em todo território nacional e por ser a associação que possui maior número de membros no Brasil<sup>13</sup>; 2) tratar-se da associação nacional escoteira mais antiga em funcionamento (fundada em 1924); 3) inserção na pesquisa de campo que esta instituição proporcionou; e 4) especialmente, devido ao discurso que esta instituição utiliza, pois afirma ser a única representante do escotismo no Brasil, expondo as outras associações como dissidências ou divisões desta primeira.

Conforme praticado pela União dos Escoteiros do Brasil, o movimento escoteiro é trabalhado em quatro estágios etários (que são chamados de *ramos*) que visam acompanhar e desenvolver o jovem de acordo com suas fases de vida: *ramo lobinho* (alfabetizados até 10 anos), *ramo escoteiro* (11 a 14 anos), *ramo sênior* (15 a 17 anos) e *ramo pioneiro* (18 a 21 anos). Cada um destes estágios possui enfoque e modo de trabalhar próprios.

O *ramo lobinho* é entendido como a fase de socialização da criança, onde utilizam-se como “pano de fundo” as estórias do “Livro da Jângal”, de Rudyard Kipling (também conhecido como a História de Mowgli, o menino-lobo). Neste *ramo*, a fantasia é utilizada como ferramenta de aprendizagem. Cada criança é um *lobinho*, que faz parte de uma *alcatéia*.

O *ramo escoteiro* é focado no senso de aventura ao ar livre. Estes jovens se organizam em uma tropa escoteira, que é composta de quatro equipes, chamadas patrulhas, com, no máximo, oito integrantes cada. É nesta fase que o jovem inicia sua vida de acampador, já que no ramo lobinho, em geral, acantona-se (ou seja, pernoitam em uma casa de fazenda, galpão ou semelhantes).

O desafio aos limites de cada jovem é a prioridade do *ramo sênior*, sendo que toda experiência é vivenciada com a presença da competição (da mesma forma que o ramo escoteiro). O ramo escoteiro e o ramo sênior são os estágios originais imaginados na proposta de B-P para a aplicação do escotismo. Sendo que eles não foram imaginados como dois ramos separados. Porém quando aumentaram a idade limítrofe de 16 para 18 anos,

---

13 Segundo o Relatório Nacional 2010 da União dos Escoteiros do Brasil, o efetivo de escoteiros no Brasil no ano de 2010 foi de 64.514 membros, distribuídos em um total de 1.118 unidades locais, tendo o estado de São Paulo o maior número de unidades, 253, e o estado do Rio Grande do Sul em segundo lugar com 153.

foi estabelecida a divisão entre o escoteiro e o escoteiro-sênior (daí a origem do nome do ramo sênior, ao menos no Brasil) como melhor modo de trabalho.

No caso do *ramo pioneiro*, as atividades são voltadas para o “serviço ao próximo”, ou seja, trabalho voluntário em comunidades e a formação e fomento da rede de sociabilidades destes jovens. A competição é abolida do programa de atividades e os pioneiros passam a fazer parte do *clã pioneiro* que se organiza por *equipes de interesse* voltadas a projetos, permanentes ou transitórios, em sua maioria, de cunho social.

Principalmente no *ramo pioneiro* é trabalhada a inserção do pioneiro em seu coletivo, seja ele sua cidade, seu bairro ou sua família. Isto decorre sobretudo por causa do lugar que o *ramo pioneiro* ocupa na estrutura de formação dos membros do escotismo.

Por se tratar do estágio que abrange as idades entre 18 e 21 anos, este *ramo* se caracteriza como uma zona de transição ou um momento de passagem. A partir do momento que o membro juvenil completar 21 anos, ele deixará de ser “um jovem” do movimento escoteiro e passará a ser um membro *adulto*. Em outros termos, é entendido pelo movimento escoteiro que o jovem (com a idade limite de 21 anos) é um *membro beneficiário*, enquanto o adulto é um *voluntário*<sup>14</sup>.

Porém, para entender como este ramo se organiza no estado do Rio Grande do Sul, precisamos entender a estrutura adotada pela organização ao qual ele se filia.

A União dos Escoteiros do Brasil se estrutura em três níveis: nacional, regional e local. Resumidamente, os dois órgãos de decisão no nível nacional são o Conselho de Administração Nacional (CAN) e a Diretoria Executiva Nacional (DEN) subordinados à Assembleia Nacional. Existe toda uma sorte de comissões, equipes e grupos de trabalho, cuja função se estende desde as relações institucionais, comunicação, programa e método escoteiro e relações internacionais.

O nível regional se organiza conforme regiões geográficas que abrangem um estado brasileiro. No caso do estado do Rio Grande do Sul, existe uma região escoteira sediada em Porto Alegre, que trabalha em prol das unidades locais (também chamadas de *grupos escoteiros*). A Região Escoteira do Rio Grande do Sul é organizada a partir de sua Assembleia Regional, que elege uma diretoria executiva a cada três anos. Ligados a esta diretoria, existem vários grupos de trabalho, dos quais os seguintes são envolvidos com o ramo pioneiro: a Assistência Regional do Ramo Pioneiro, o Clã de Mestres Paulo de Tarso e a Equipe Regional Pioneira.

---

14 Entenda-se voluntário no sentido de trabalhar gratuitamente em um grupo escoteiro, sem remuneração, não exatamente no sentido que estou utilizando para “voluntariado” como base da formação de uma identidade escoteira.



A *Assistência Regional do Ramo Pioneiro* é composta de um membro adulto do movimento escoteiro envolvido com o ramo pioneiro em sua unidade local, é um cargo voluntário nomeado pela diretoria regional após ouvido o Fórum Regional Pioneiro. Este assistente atua representando o ramo pioneiro perante a Região do Rio Grande do Sul, é responsável máximo pelo desenvolvimento de todas as atividades que envolvem este ramo no estado.

O *Clã de Mestres Paulo de Tarso* abrange todos os membros adultos que trabalham com o ramo pioneiro no Rio Grande do Sul. Possui uma equipe de coordenação e é responsável por ações que auxiliem no aprimoramento do ramo pioneiro no estado, promovendo cursos para pioneiros e auxílio aos clãs pioneiros.

A *Equipe Regional Pioneira* se trata de uma junta de seis pioneiros (reiterando, membros jovens), eleitos a cada ano no Fórum Regional Pioneiro, responsáveis por representar os membros juvenis do ramo pioneiro. Atuam especialmente nas três atividades regionais do ramo pioneiro que acontecem a cada ano e são responsáveis por levar a opinião dos pioneiros do estado às reuniões da diretoria regional.

Das três atividades que a Equipe Regional Pioneira executa durante o ano, duas são chamadas de *Mutirão Regional Pioneiro*. Esta atividade ocorre no primeiro e no segundo semestre de cada ano e é um evento itinerante, pois ocorre em vários municípios do estado. Sua principal proposta é reunir pioneiros de diferentes locais para que executem atividades comunitárias durante um final de semana em associações de moradores, escolas, praças públicas e outros locais não privados que necessitem de auxílio. Também este evento funciona como um dos principais espaços de encontro e fomento da rede de sociabilidades destes jovens.

O outro evento é chamado de *Fórum Regional Pioneiro* e se caracteriza por ser um momento de debate e discussão de diretrizes para o ramo pioneiro. Ocorre uma vez por ano, entre os meses de junho e agosto, e nele são definidas mudanças no regimento do ramo, a indicação de um assistente regional para o ramo pioneiro, a eleição dos membros da Equipe Regional, os locais que sediarão os próximos eventos regionais e outros debates.

O terceiro nível de organização da União dos Escoteiros do Brasil é o local. A unidade local ou *grupo escoteiro* é a base onde o método escoteiro realmente é aplicado. É no nível local que ocorre o desenvolvimento de todo método de instrução imaginado por B-P. Um grupo escoteiro é estruturado a partir de uma diretoria local, eleita pela Assembleia de Grupo, e é organizado em *seções*, sendo cada seção correspondente a um *ramo*. Ou seja, as quatro seções de um grupo escoteiro são: Alcateia (ramo lobinho), Tropa Escoteira, Tropa Sênior e Clã Pioneiro.

O Clã Pioneiro congrega, normalmente, entre 3 e 12 pioneiros de ambos os sexos (raramente se encontram clãs com mais membros) e é apoiado por adultos (chamados

Mestres) que auxiliam os pioneiros em suas atividades. O papel do Mestre é menos intrusivo se comparado com adultos de outras *seções*, pois o objetivo de sua atuação é orientar, permitindo aos pioneiros maior proatividade em relação aos projetos e equipes de interesse do Clã.

O *Clã* adota um modelo autogestionário, em que a cada período (normalmente 1 ano) é eleita uma Comissão de Administração (COMAD) composta de presidente, tesoureiro e secretário, entre outros, que são responsáveis por representar o Clã perante as reuniões administrativas do grupo escoteiro. Porém, a instância máxima de decisão é chamada de *Conselho do Clã*, no qual todos os pioneiros participam.

Depois destas delimitações, podemos por enquanto afirmar que o movimento escoteiro é um movimento de juventude, que atua na formação de jovens por meio de um método de ensino próprio e busca oferecer um trabalho “à sociedade”, tanto através das experiências que ele oferece aos escoteiros como através de trabalho voluntário voltado para a comunidade na qual o grupo escoteiro está inserido.

Cada um destes ramos constitui-se como um lugar de passagem (Guedes, 1997), mas, por excelência, o ramo pioneiro marca o fim de um processo, quando encontramos o membro juvenil do movimento se tornando um *adulto*, conforme o entendimento do programa de formação do movimento escoteiro.

### 3. O que os pioneiros fazem?

## O que faz dos pioneiros, pioneiros?

Algo que esteve claro desde o início deste estudo era o “ponto” antropológico (Maciel, 2009:177) ao qual aspirava, baseado na noção de Favret-Saada (2005) sobre ‘ser afetado’. Sobre se tornar sensível aos imperativos de atores presentes no campo e buscar fazer uma conjunção disto, através de sua sistematização escrita, com a fotoetnografia. Em resumo, um trabalho baseado nas sensibilidades. Em julho de 2012, minha orientadora pediu para que eu organizasse uma descrição de meus principais interlocutores em vias de operacionalizar e organizar melhor minhas práticas de campo.

Escolhi alguns interlocutores para a tarefa que havia sido proposta, baseado nas questões de pesquisa e também na abertura que tinha com estes. E buscarei traçar questões sobre voluntariado e escotismo que em um primeiro momento foram pontuadas nestes perfis dos interlocutores-chave.

#### 3.1. Vivência do ramo pioneiro

O membro jovem do movimento escoteiro passa por etapas etárias de formação e estas faixas etárias atingem em seu todo as idades entre 6-7 anos e 21 anos. O último ponto deste processo é a etapa chamada nativamente de *Ramo Pioneiro*. Já neste ponto da escrita não interessam tanto as questões etimológicas ou de como esta etapa etária de formação do movimento escoteiro foi criada (este ramo foi embrionado no período pós-I Guerra Mundial e seu marco é o livro, escrito por Baden-Powell, *Caminhos para o Sucesso* [1922]), mas como práticas do *ramo pioneiro* se dão na conjuntura atual no contexto gaúcho.

Há uma estrutura organizacional em nível regional e as pequenas unidades locais em que o *método escoteiro* é aplicado. Em cada uma destas unidades (*Unidade Escoteira Local* no vernáculo institucional ou *Grupo Escoteiro* no vernáculo comum) existem subunidades que representam estas divisões etárias. Cada uma trabalha de forma diferente (porém não completamente independente), em vista das diferenças de idade, supervisionada por um (ou mais de um conforme o caso) adulto.



O nome que se dá à subunidade que congrega os jovens que se encontram nas idades entre 18 e 21 anos é *Clã Pioneiro*. Durante a pesquisa de campo, acompanhei diferentes clãs em diversos momentos (apenas para lembrar, a pesquisa de campo se iniciou em janeiro de 2011 e só foi oficialmente finalizada em novembro de 2012).

Vou prioritariamente me referir a dois *clãs* neste texto, por ter despendido maior atenção e tempo neles; porém, escoteiros de outros lugares aparecerão no texto diversas vezes. As redes de amizade e convívio, assim como a facilidade de transporte entre os escoteiros na região metropolitana e serrana do Rio Grande do Sul, acabam por potencializar a circulação destes jovens. De tal forma, torna-se difícil cartografar estes trânsitos e estes afetos de forma satisfatória. Deixarei que o contexto do campo fale por si mesmo.

Uma das primeiras interlocutoras que tive nesta pesquisa foi Evelise, ou melhor, a “Mestre Evelise”. Ela atua no Grupo Escoteiro Charruas 003/RS, em Porto Alegre. A ideia inicial da pesquisa derivou de conversas com ela em 2010, época em que tivemos maior convivência. Tem 35 anos, aproximadamente, e está no movimento desde os 11 anos. Conquistou sua Insígnia da Madeira<sup>15</sup> em 2008. Foi o que se chamou de *Highlander*<sup>16</sup>, um pioneiro que fica atuando no ramo como membro jovem além da idade permitida (21 anos); no caso, conseguiu permanecer no ramo até os 24. Depois disso, atuou como chefe em todas as faixas etárias, mas se considera satisfeita em trabalhar com o ramo pioneiro, pois diz que seu “perfil” é este. É uma pessoa conhecida e respeitada como um bom exemplo de membro adulto, porém sofre de uma pecha de intransigente e, por vezes, anti-institucional. Por causa disso, nunca conseguiu assumir o cargo de assistente para o ramo pioneiro no RS (cargo de representação do ramo frente à diretoria estadual), não que esta seja sua pretensão, mas seu nome já foi cotado várias vezes para este cargo. Em 2011, realizou o projeto “Rio Grande Pioneiro”, que visava visitar clãs pioneiros no interior do estado para estabelecer maior contato e troca entre a região metropolitana (onde se concentra o grande efetivo do ramo) e outros locais do estado (região de Santa Maria, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Caxias e serra gaúcha). Trabalha como enfermeira na rede pública de saúde de Porto Alegre, tendo se formado pela UFRGS e feito especialização na mesma área pela Escola de Saúde Pública de POA.

Outro interlocutor que foi presente durante todo o processo de trabalho de campo é Áquila. Ele foi um dos primeiros escoteiros com quem fiz contato para a pesquisa. Entrou

---

15 Uma insígnia especial conferida a adultos do movimento escoteiro que atuam com a aplicação do programa pedagógico deste. Para recebê-la, é necessário fazer alguns cursos de formação de adultos e responder a um estudo apelidado de “Caderno”.

16 Termo nativo para referir escoteiros que já fizeram 21 anos de idade, mas continuam frequentando o ramo pioneiro por tempo indeterminado e em regime contrário ao indicado no programa pedagógico, por se negarem a deixar de ser membros juvenis.

no movimento com 8 anos de idade e está ativamente no movimento desde então. Em uma parte de sua época escoteira e sênior (entre seus 12 e 16 anos, aproximadamente), acabou se mudando do RS e continuou atuando em outros grupos. Em sua época de pioneiro, fundou o Clã Maragatos no Grupo Escoteiro Anhanguera 96/RS (Sapucaia). Participou ativamente na construção de redes e é um dos maiores apoiadores das iniciativas de políticas para jovens dentro do movimento. Foi Coordenador do Núcleo Regional de Jovens Líderes (NRJL), entre 2009-2011, e hoje é representante dos Escoteiros do Brasil junto ao Conselho Nacional da Juventude. Tem 22 anos. Em seu percurso como membro jovem, conquistou todas as insígnias máximas<sup>17</sup> de ramo (Cruzeiro do Sul, Lis de Ouro e Escoteiro da Pátria), exceto a pioneira (Insígnia de BP), apesar de ter realizado o trabalho para esta. É um dos “nomes-fortes” da juventude envolvida institucionalmente na UEB. Acompanhei-o no ano de 2011 a dois eventos internacionais escoteiros, por ser muito conhecido nas redes de escoteiros conhecidos e por ter hábito de atrasar-se e perder voos, o termo “aquilar” foi cunhado em sua homenagem. Aquilar (vb.): atrasar-se, não comparecer aos compromissos, especialmente utilizado para voos perdidos!. É estudante de Relações Públicas na PUCRS.

Outro interlocutor vital nesta pesquisa foi Diogo. Ele entrou no movimento escoteiro com 13 anos de idade, a convite de colegas de escola. Desde então, esteve ativo no movimento, com um breve recesso em 2009. É mestre pioneiro do Clã Padawan desde setembro de 2009, quando este ramo foi reaberto<sup>18</sup> no Grupo Escoteiro Taquató 97/RS. Participou do Jamboree Mundial Escoteiro, em 2011, na Suécia, bem como do World Scout Youth Forum e do Jamboree Nacional de 2012. É um dos poucos exemplos de membros adultos que são elogiados por conseguir trabalhar na unidade local e nas instâncias estaduais ao mesmo tempo sem prejuízo em nenhuma das duas. Coordena, no Rio Grande do Sul, o Mutirão Nacional de Ação Comunitária (MutCom) e foi, entre 2009-2011, Comunicador do Núcleo Regional de Jovens Líderes (junto com o Áquila). É uma das figuras mais proeminentes do ramo pioneiro estadual dos últimos tempos, juntamente com a Evelise. Foi especialmente através da atuação dele que se estabeleceu a parceria entre a UEB e o Instituto Elos (Projeto OASIS). Representou, como jovem adulto, a comissão da World Organization of the Scout Movement na Rio+20 em 2012. Juntamente com seu clã, organizou o XXXI Mutirão Regional Pioneiro, em São Sebastião

---

17 Insígnias máximas de ramo são condecorações que o jovem escoteiro pode receber quando está na fase final de cada ramo que participa; é um sinal de status entre os escoteiros tê-las.

18 Apesar dos grupos escoteiros serem compostos por quatro ramos, é comum que funcionem apenas com os ramos de menor idade por falta de efetivo adulto ou desinteresse da diretoria do grupo, o clã pioneiro aqui referido foi reaberto ao ter entrada de novos jovens candidatos a pioneiro e por ter um adulto que aceitasse ser responsável por eles.

do Caí (março de 2012). Estuda Relações Públicas na Unisinos, tem 26 anos e trabalha em um escritório contábil.

No início da pesquisa, como já afirmei anteriormente, eu pensava em etnografar as práticas do que os escoteiros chamam de *mística pioneira*, conjunto de práticas rituais muito comum neste ramo do movimento escoteiro que possui, em geral, um *background* que envolve místicas medievais. Orientado nesta perspectiva, visitei, junto ao Projeto Rio Grande Pioneiro de Evelise, as cidades de Santa Maria, Erechim, Passo Fundo e algumas atividades menores na região metropolitana na primeira metade do ano de 2011.

Especialmente através de contatos estabelecidos por intermédio de Áquila, da participação de uma atividade internacional que aconteceu em Blumenau (em janeiro de 2011) e da participação no Jamboree Mundial Escoteiro na Suécia, novas questões foram ganhando maior força. A principal delas sempre orbitava em torno da tríade passagem-voluntariado-engajamento.

Novas perspectivas para a pesquisa vieram de espaços diversos. Em Blumenau, no World Scout Youth Forum, através de conversas com uma escoteira inglesa chamada Fiona, questões de envolvimento institucional foram postuladas. No Jamboree Mundial, percebi a diversidade presente no movimento escoteiro, sobre o qual desejava escrever, porém ainda mantendo um mesmo eixo semântico. E nos contatos agenciados por Áquila, pela profusão de opiniões e de diferentes perspectivas sobre o escotismo conforme com quem conversava.

O objetivo do projeto de Evelise era aproximar pioneiros de cidades fora do eixo Porto Alegre-Serra das redes de contato mantidas por estes jovens e estimular intercâmbio e trocas em um espectro maior do que normalmente é possível. Eu a acompanhava para estabelecer contato com estes clãs e iniciar os processos de entrada em campo para esta pesquisa sobre *mística*.

Indo em outras atividades na região metropolitana, acabei, aos poucos, me dando conta da importância das redes de troca entre grupos existentes nesta região. Estas “trocas”, como aqui refiro, ou trocas de *cases*<sup>19</sup> de sucesso sobre experiências locais. As “trocas” conformavam uma possibilidade incrível para um estudo de sociabilidades, eram trocas de amizade espontânea, trocas de histórias de vida, trocas de lenços, trocas de fidelidades. Em toda uma sorte de cartografias afetivas, difíceis de mapear.

Estes jovens construía suas identificações e seus pertencimentos nestas redes relacionais. E mais, construía suas próprias identidades através destes entrelaçamentos de vida, e buscavam construir respostas coletivas, motivos para dar razão a suas vidas.

A partir deste momento, abandonei a perspectiva de abordar o conjunto de rituais especificamente entendidos enquanto tais, que praticavam, e decidi me esforçar por rela-

---

19 Para utilizar uma palavra do campo da Gestão que meus interlocutores adoram.



tar as vivências destes jovens no momento de sua transição (conforme é entendida pelo movimento escoteiro) para se tornarem adultos.

Para isso, a análise deveria se basear em acompanhamento mais localizado no que os escoteiros chamam de unidade local, ou seja, um Grupo Escoteiro, e também nas redes de troca entre estes grupos, tanto por via institucional quanto por outras vias.

Acabei me aproximando principalmente de dois clãs em momentos diferentes da pesquisa e da Equipe Regional Pioneira (ERP, a partir de agora) que trabalhou na região escoteira do Rio Grande do Sul no ano de 2011.

O primeiro clã que vou descrever é o Clã Pioneiro Padawan (por sinal, nem todos os clãs possuem místicas baseadas no mito arturiano, este, por exemplo, utiliza uma baseada na saga *Star Wars*). Este clã se formou em setembro de 2009, na cidade de São Sebastião do Caí, no Grupo Escoteiro Taquató 97/RS e sempre contou com Diogo como seu mestre pioneiro. Em 2010, contava com cerca de 13 membros, depois recebeu novos membros em várias levas de entrada e saída e hoje conta com cerca de sete pioneiros. O que pode ser considerado “atípico”, em seu caso, é o adulto responsável por ele ser considerado (por outros membros do movimento escoteiro, como foi comentado comigo em diversos momentos) muito novo, com idade muito próxima da idade dos jovens. O outro ponto “atípico” é o fato de que é considerado como um clã grande para uma cidade tão pequena. O grupo escoteiro desta cidade conta sempre com um mínimo de cem membros (desde lobinhos até os adultos), porém o mais comum é ver um clã com 4, 6, no máximo 8 pioneiros. Como o clã chegou a contar com 15 membros certa época, passa a impressão de *case* de sucesso em relação a conseguir engajar e manter seus jovens.

Entre alguns interlocutores com quem estabeleci diálogo durante a pesquisa (não descrevo todos aqui), encontram-se:

Caroline, que entrou no movimento com 9 anos de idade, levada por seu irmão mais velho, que já era membro do grupo. Ela foi uma das pessoas que ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009, do qual foi a primeira presidente. Hoje, com 21 anos, já se desligou do clã e está atuando no ramo sênior do mesmo grupo. Teve uma fase pioneira de muito enfrentamento à atuação do Diogo, pois possuíam discordância em vários aspectos, em momentos diferentes. Esses enfrentamentos decorriam especialmente por causa da dinâmica que um clã pioneiro adota: os pioneiros têm certa autonomia sobre suas decisões e ações enquanto grupo, e o mestre deve atuar mais como um orientador do que exercer um poder decisivo de fato. Processos de enfrentamento entre os dois acabaram por “minar a autoridade da presidência”. Caroline acabou por se cansar destas batalhas constantes, largou o cargo e continuou no ramo de maneira *pró-forma* até completar seus 21 anos. O último ano que passou no ramo foi mais calmo para ela, pois não fazia mais oposição ao Diogo (claro que também não participava do que não queria).

Afonso também ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009. Ao contrário da maioria dos pioneiros, entrou no movimento com 19 anos de idade, já no ramo pioneiro. Isso decorreu especialmente pelo fato de trabalhar com Diogo, que foi quem o convidou. Hoje está com 22 anos de idade, atua como chefe no ramo escoteiro e foi eleito para o Núcleo Regional de Jovens Líderes no Rio Grande do Sul<sup>20</sup>. É visto pelos escoteiros como um bom exemplo de pessoa que entra no movimento quase adulto e permanece. Foi o presidente do clã após a saída de Caroline. Estuda Ciências Contábeis na UCS e trabalha em um escritório contábil.

Já Matheus também ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009, e é membro do movimento desde seus 12 anos de idade, tendo hoje 23. No seu período de pioneiro teve enfrentamentos com o Diogo da mesma forma que a Caroline. Isso acabou por levar ao seu afastamento do clã por um ano inteiro entre 2009 e 2010. Após esta fase, decidiu voltar ao clã, porém mudou a sua dinâmica e evitou enfrentamentos com o Diogo e outros membros. Hoje, oficialmente está desligado do grupo escoteiro (e institucionalmente do movimento escoteiro), mas extraoficialmente participa de algumas atividades com o ramo escoteiro. Por morar em Porto Alegre, é difícil estar em atividade todo sábado em São Sebastião do Caí, porém não deseja ir atuar em outro grupo mais perto pela pecha de “traição” que isso conformaria em relação a seu grupo original de São Sebastião do Caí.

Maitê entrou no movimento com 9 anos de idade e entrou no clã na sua “segunda geração”, ou seja, em 2010. Teve alguns enfrentamentos para finalmente entrar no ramo pioneiro, pois queria permanecer no ramo sênior (quando finalmente “passou” estava já com 18 anos e meio, sendo que pela regra deveria ter entrado no máximo com 18). Sua vida pioneira passou por momentos de trabalho intenso em projetos onde se mostrou extremamente “proativa” e outros de enfrentamento frente a Diogo. Hoje, está afastada do clã e do grupo, porém ainda está com 20 anos de idade, quase completando 21.

Victor entrou no movimento escoteiro com 7 anos de idade. Entrou no clã pioneiro na mesma turma da Maitê, porém se afastou um ano depois por, como foi afirmado, “motivos de estudo”. Lucas entrou no movimento escoteiro com 7 anos de idade. Entrou no clã pioneiro na mesma turma de Maitê e Victor, é namorado de Caroline. Conquistou a insígnia Escoteiro da Pátria<sup>21</sup> do ramo sênior em 2010. Foi um pioneiro atuante durante

---

20 Núcleo de Jovens Líderes é uma instância de representação institucional a nível das regiões (estados) escoteiras. São quatro cargos concomitantes de dois anos de mandato cada. Os “Jovens Líderes” não constituem um outro ramo do movimento escoteiro (apesar de parecer confuso a um primeiro olhar), trata-se de uma iniciativa institucional para engajar pessoas mais jovens nas instâncias burocráticas da instituição.

21 Chamada condecoração máxima do ramo anterior ao pioneiro, cuja obtenção está atrelada a uma série de tarefas e da execução de um projeto que tenha como inspiração os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

os anos de 2010 e 2011, porém se afastou no começo do ano de 2012, “por outros interesses”. Na verdade, possuía certo enfrentamento (assim como Caroline, Matheus e Maitê) com Diogo. Cursa engenharia civil na Unisinos.

Renan tem tradição escoteira de família, seu pai foi escoteiro quando jovem no mesmo grupo. Entrou no movimento com 7 anos de idade, e se manteve desde então. Apenas teve um afastamento de três meses em 2012, “para recarregar as baterias”. Trabalha em um escritório contábil juntamente com Diogo e Afonso. Chamado de “Tranca” quando mais jovem (um apelido com conotação extremamente pejorativa), ao passar para o ramo pioneiro, Diogo iniciou um trabalho para que ninguém mais o chamasse por este nome. Como resultado disso, hoje ele é o Renan e nada mais que isso. Tem uma índole extremamente pacífica e é o mais sério dos pioneiros do Padawan (que em geral são mais brincalhões).

Cíntia entrou no movimento com 15 anos de idade a convite de seu namorado. Apesar de que isto poderia ser visto como extremamente negativo, pois ele é também um adulto voluntário no seu grupo escoteiro. Este recorte entre quem é “jovem” e quem é “adulto” realmente aparece em questões que envolvem maiores de 21 anos namorando menores de 21, especialmente se os menores tiverem menos de 18. É um fenômeno que ocorre bastante, porém sempre é acompanhado de perto por outros adultos preocupados pela manutenção de certo “decoro” que se acha necessário em atividades escoteiras. O fato de que eles namoravam antes de ela entrar no movimento contribui para o esforço de que este fator não seja negativado. Atualmente, já completou 21 anos e saiu do ramo pioneiro. Hoje, ocupa a cadeira destinada à União dos Escoteiros do Brasil no Conselho Nacional da Juventude.

Podemos ver, a partir destes perfis, que houve certos conflitos relacionais a partir da formação deste clã. Em 2012, estes relatos passaram a ser menos frequentes, beirando o silêncio, na verdade. Todos estes jovens cursam o nível superior em diferentes universidades e são moradores de São Sebastião do Caí. Por fazerem parte de um grupo escoteiro em uma cidade do interior, possuem grande poder de realização de projetos sociais. Este clã, inclusive, é bem conhecido por ter jovens engajados neste tipo de ação. Estes interlocutores foram os responsáveis pela organização do Mutirão Regional Pioneiro de São Sebastião do Caí, em abril de 2012.

Além disso, é importante frisar a participação que seus membros têm nas instâncias institucionais a nível estadual. Este perfil, penso, é consequência da atuação do Diogo, por estimular que participem de atividades fora de seu município e, por vezes, de seu estado.

Outro clã que teve maior aproximação durante a pesquisa foi o Clã Pioneiro Guia Lopes, do grupo escoteiro de mesmo nome. A aproximação com este clã se deu de forma diferente, pois já conhecia os integrantes do clã de São Sebastião do Caí antes de iniciar a pesquisa, e tive de negociar a entrada em campo no Guia Lopes através de dois contatos que tinha.



**Excerto do Caderno de Campo,  
07 de abril de 2012, sábado, 20h.  
Visita ao Grupo Escoteiro Guia Lopes, Ilha do Pavão, Porto  
Alegre.**

Estou agora sentado na doca interna que vai me levar ao Grêmio Náutico União, dentro do qual fica a sede do Grupo Escoteiro Guia Lopes, na Ilha do Pavão, no Rio Guaíba, em Porto Alegre.

Minha opção por este grupo para ser pesquisado parte de algumas premissas, um tanto quanto pessoais. Já conheço alguns dos pioneiros do grupo, e me sinto confortável com eles. Entrando no barco, sigo uma mulher de aproximadamente 30 anos com 4 crianças, supus que fossem sócios do clube, pois nenhum deles portava nenhum símbolo escoteiro nas roupas. Não sei precisar quantas pessoas estavam na barca, talvez 50, talvez mais. O que é chamado simplesmente de "Ilha" pelos escoteiros do Guia Lopes é, na verdade, uma das sedes deste grêmio aqui em Porto Alegre. Ela sedia as atividades de remo e algumas atividades recreativas deste clube (o local conta com quadras de tênis, futebol, basquete, além de churrasqueiras ao ar livre, lanchonete, quiosques e amplo espaço verde). A sede deste grupo escoteiro é composta de dois prédios: um deles é uma construção de madeira bem ampla que eles chamam de "forte" (dado ao seu formato, é uma construção em formato de U e com um pátio interno que conta com um muro de madeira e um portão coberto por um telhadinho).

Logo encontro Vilches, que é presidente do clã pioneiro e tinha ficado responsável de me receber e me apresentar às pessoas e as dependências onde as atividades acontecem. Fui recebido muito cordialmente (esse reconhecimento entre escoteiros sempre me espanta), cumprimentei algumas pessoas que já conhecia e fui introduzido a outras.

(anotações posteriores)

Naquele momento apenas encontrei o Audy (adulto responsável por este círculo de pioneiros), Henrique, Biga e Marcelo (além de Vilches, claro). Depois viria a conhecer outros pioneiros que faziam parte do clã: Gabriela (que nunca ia para as reuniões do grupo nos sábados à tarde, o que acabou gerando a piada neologista "gabrielar", que basicamente significa ser parte do clã e nunca aparecer em atividades escoteiras) e Sofia (com quem conversei algumas vezes e desenvolvi rapidamente profunda simpatia).

Frequentei as atividades junto com o clã pioneiro do Grupo Escoteiro Guia Lopes 002/RS desde o mês de abril de 2012 até o mês de novembro. Em geral, as atividades se desenvolvem nos sábados à tarde, em disposição diferente do clã caiense, pois este não só se reunia nos sábados à tarde como em outros dias da semana, frequente-

mente. Como dito no relato do diário de campo, o local de encontro destes jovens para as reuniões regulares é em uma sede do Grêmio Náutico União, na Ilha do Pavão, em Porto Alegre.

Para apresentar um contexto mais geral, acredito ser necessário um breve perfil de alguns interlocutores.

O primeiro interlocutor com quem fiz contato foi Dreyer, ou “Mestre Dreyer”, um dos adultos envolvidos no clã. Ele tem 29 anos, trabalha como administrador e, assim como Evelise, é visto como um bom exemplo de membro adulto envolvido com o ramo pioneiro. Como ele não está atualmente atuando no clã, tivemos contatos esporádicos, porém não substanciais. O primeiro contato que fiz para começar o campo junto ao Guia Lopes foi através dele (nos vimos bastante em 2011 no World Scout Youth Forum e no Jamboree Mundial), quando fui apresentado ao Mestre Jorge, que no momento estava desempenhando o cargo de mestre do clã. Dreyer possui um longo percurso no movimento escoteiro, entrou ao redor dos 10 anos de idade e se manteve desde então atuando, com breves afastamentos. Atuou na gestão da Equipe Regional Pioneira em 1997, época em que houve fortalecimento e expansão de ações do ramo (em uma linha de trabalho que é seguida até hoje).

Já o Mestre Audy tem cerca de 50 anos de idade. Trabalha como consultor de gestão empresarial e planejamento estratégico do Grupo RBS. Possuo menos intimidade com ele, pois o conheci apenas este ano. De seu percurso como escoteiro, sei apenas que entrou no movimento já adulto, no Grupo Escoteiro Tupã-Ci, em Porto Alegre, no começo dos anos 2000. Após alguns anos de atuação lá, resolveu procurar outro grupo escoteiro em Porto Alegre, processo que o levou até o Guia Lopes. Atuou durante algum tempo no ramo sênior e no ano de 2010 foi auxiliar no ramo pioneiro, devido ao afastamento tácito do Mestre Dreyer. Bem humorado, tem uma personalidade que fecha com o tipo de trabalho que se faz neste ramo. Antes de entrar no movimento, estava acostumado a realizar trabalho voluntário em outras associações, coisa que continua a fazer. No segundo semestre de 2012, estava aos poucos se afastando do clã por motivos de trabalho.

O único pioneiro que conhecia deste clã quando comecei a fazer a pesquisa era Marcelo, um jovem de 20 anos de idade (na época), estudante de graduação em TI na PUCRS. Participa do movimento escoteiro no Guia Lopes desde seus 8 anos de idade. Por ser o pioneiro mais velho do clã, na época do começo da aproximação, em julho de 2012 acabou por sair do ramo, por um tempo buscou auxiliar o grupo na parte administrativa, porém sem muito engajamento. Acompanhei especialmente seu processo de desligamento do clã, já que os pioneiros reagem de formas diferentes a esse momento. No caso dele, foi um processo “pacífico”, ele não se sentia incomodado ou saudoso do ramo, tendo, na

verdade, frequentado menos as atividades do clã nos seus últimos meses. Sua opção por continuar trabalhando na parte administrativa foi resultado de “não se sentir preparado” para a responsabilidade de lidar com mais jovens do movimento. Na verdade, neste ponto se baseia muito na oposição com outro pioneiro deste clã, o Biga.

“Biga” é estudante de graduação na UFRGS. Está no movimento escoteiro desde os 7 anos e sempre foi ligado ao Grupo Escoteiro Guia Lopes. Diferentemente da maioria dos outros escoteiros deste grupo, ele é membro associado do Grêmio Náutico e realiza outras atividades além do escotismo na sede da Ilha do Pavão (fazia parte do time de remo olímpico). Alguns detalhes mais relevantes sobre Biga é que ele passou do ramo lobinho para o ramo escoteiro com 9 anos e meio, segundo o Marcelo, “por ser elétrico e forte demais”. Os dois perfis que observamos aqui, entre Marcelo e Biga, na verdade formam um tipo de amizade cunhada na competição, como às vezes acontece no movimento escoteiro. Eles mesmos se veem de várias formas como uma dicotomia específica; por se conhecerem há mais de dez anos, os dois sabem os pontos de convergência e de oposição. Enquanto Marcelo é criticado por não se “comprometer com os jovens”, Biga é criticado por não aproveitar sua “vida pioneira”.

Henrique é irmão do Marcelo e uma pessoa mais reservada. Consegui ter pouca interlocução com ele no começo, mas acredito que depois acabou por se acostumar com minha presença. Sei que estuda engenharia e participa do movimento desde os 8 anos de idade, tendo hoje 20.

Gabriela foi a primeira menina deste clã que conheci. Parece ser um tanto fechada em si mesma, mas já tivemos uma boa aproximação. Tem 20 anos de idade, aproximadamente, e quase nunca apareceu nas atividades do clã durante a pesquisa. Fato este que não passa despercebido pelos outros pioneiros.

Sofia foi outra pioneira deste clã que conheci. A aproximação foi fácil, pois desde o começo estabelecemos um diálogo mais próximo a partir de alguma discussão sobre teoria feminista. Participa deste grupo escoteiro desde lobinha. Considero que ela tenha, dentre todos estes pioneiros descritos até agora, o perfil mais “politizado”, apesar de admitir ser difícil descrever o exato porquê desta afirmação.

O perfil deste grupo escoteiro e deste clã é diferente do clã de São Sebastião do Caí. Primeiramente, a sede onde ocorre a reunião deste grupo é no centro de Porto Alegre (a barca que vai até a ilha, ao menos, sai do centro, já que a sede deste grupo fica localizada em uma ponta da ilha a qual não se tem acesso por estrada), o que facilita o deslocamento dos seus membros. Acaba por acontecer que cada um mora em um lado da cidade e que eles realmente acabam se encontrando principalmente nos sábados à tarde e não em outros dias, como ocorre no grupo do interior. Este clã também é menor



INFORMAÇÃO  
N.º 123456789  
10/2012

10/2012  
MELHOR PATRULHA  
NÃO VAI BRS IPT (Machodinhos)  
Fidelis Gomes GAAGUE  
10/2012

em número de membros. Atualmente conta com cerca de seis membros e esta é uma regular de alguns anos.

Em uma entrevista que realizei com Marcelo, obtive algumas informações relevantes que me descortinaram outros detalhes da vivência do ramo pioneiro de forma mais localizada. A primeira foi sobre sua passagem do ramo sênior para o ramo pioneiro. O ramo sênior é o que ele chama de “geração competitiva”, em oposição à “geração pioneira”. O jeito que ele adjetivou esta dicotomia não me passou despercebido. Quando instado a falar, ele me dá a seguinte declaração: que o ramo pioneiro “*não se preocupa tanto com troféus, cria-se o grupo (no caso, ele se refere ao clã) e o grupo é o incentivo para se manter. O escotismo é o meio, não o motivo*”. Ou seja, estar junto é o incentivo para manter os encontros e as práticas, e o escotismo é o modo de fazer estas práticas, não o porquê destas práticas.

Parte disso refere também às declarações destes enfrentamentos que afirma ter com Biga, mas, preciso deixar claro, eles são amigos, o enfrentamento ao qual ele se referiu é de diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto. Segundo ele, enquanto Biga acha que trabalhar com “o jovem” (ou seja, atuar como escotista em algum ramo – lobinho, escoteiro, por exemplo) é o mais válido foco de trabalho, ele acredita que existem perfis diferentes de atuação e que é possível colaborar para o andamento do escotismo de outras formas (como em seu caso de 2012, ajudando na administração do grupo). Mas, ao mesmo tempo, sobre esta oposição de opiniões entre ele e Biga, ele afirma que “*o escotismo força contato e mantém a amizade*”.

Nesta medida, os pequenos núcleos de atuação do escotismo são vitais, e o embate interno de vontades, opiniões e a vivência do consenso na dissidência parece ser uma experiência enobrecedora, que cria responsabilidade. Neste sentido, as declarações de Diogo e de Áquila sobre suas vivências do ramo pioneiro e o processo de fundação de seus clãs nos mostram falas que corroboram no sentido desta dinâmica de funcionamento de um clã pioneiro.

*Diogo: Não, não, meio que ninguém do clã participa de chefia<sup>22</sup> de ramos hoje. Ou é pioneiro ou é pioneiro. Não tem nem a chance de ser chefe. Pelo menos ninguém escolheu por isso ainda. Mas na época que eu era pioneiro a gente fazia essas duas coisas. Na verdade, neste período parecia que a gente tentava fazer o clã funcionar, abrir o clã e o grupo escoteiro não tinha interesse, na verdade, que tivesse o clã. Porque se impunha muitas dificuldades para nós, como naquela época era difícil, não tinha internet, não tinha as coisas.*

---

22 “Traduzindo”: ninguém que está na idade entre 18 e 21 anos participa do grupo escoteiro como outra coisa além de ser pioneiro, desempenhar função de chefia seria participar como um membro adulto de algum outro ramo de idades inferior a 18 anos.

Diogo: Na minha época, eu fui pioneiro até a finaleira mesmo, até meu último dia, tanto que teve um acampamento de grupo, em 15 de setembro de 2007, quando eu estava fazendo 21 anos e eu fui como pioneiro, ainda fui como “pio”. Aí depois que eu saí do clã, eu saí um pouco, saí um pouco do movimento, dei um tempo para a cabeça. Em 2008, eu participei só do Camporee Gaúcho, que eu fui meio que pioneiro, ainda consegui me inscrever como pioneiro. Nem sei como passou, mas participei como pioneiro, bem tranquilo. Daí eu ajudei aqui no grupo, eu voltei em agosto para fazer uma atividade com os lobinhos, eu ajudei eles num acampamento, mas foi só uma instrução, assim... E aí, em 2009, setembro de 2009 que eu retornei, então eu fiquei quase dois anos fora, na verdade, fora do grupo. Daí eu retornei já com 23 para ser mestre pioneiro.

Diogo: Mas isso é uma das minhas principais motivações para ser um chefe. Fico pensando, o potencial que tem para fazer atividade hoje, o potencial de coisas que dá para fazer, e eu pensei, cara, não tive quase nada disso... Potencial, o grupo da nossa época era muito restrito, era isso, isso e isso. Feijão com arroz, sabe? Funcionou, não dá para negar que não foi ótimo, que é muito bacana. Mas hoje eu vejo que dá para fazer uma vivência muito mais proveitosa, sabe? Eu acho que isso é o meu motor, como eu queria ter tido chefe como eu sou hoje.

Diogo: Porque na verdade o ramo tem esse lance da integração das pessoas em volta. A ideia da UCLA, a União de Clãs Amigos<sup>23</sup>. Não precisa ter nenhuma formalidade assim. É simplesmente a gente estar aqui junto, sabe? A gente decidiu que a gente é amigo e deu, sabe? E acho que isso é bem significativo. Acho que isso pode ter sido importante, essa vivência. Aí aqui tem o sentido destas atividades que eu fui...

Caio: Como chefe hoje, como mestre, como membro adulto do movimento, qual é o teu trabalho em relação aos jovens? Tu tens hoje 26 anos, trabalha com jovens que estão entre 18 e 21, dentro de todo programa pedagógico que os escoteiros têm desde lobinhos até os pioneiros. Tu és a única pessoa que esteve mais presente durante todo este tempo na pesquisa e que não está vivendo ou viveu o processo do programa pedagógico, que já passou por ele e agora está aplicando este processo. Como é o teu trabalho, como tu vês este trabalho, como tu faz este trabalho em relação aos jovens?

Diogo: Cara, uma coisa que sempre me vem à cabeça é respeitar a autonomia do clã e isso é uma coisa que os cursos me ensinaram bastante, sabe? De quando eu lidei com pessoas mais velhas que já trabalham com o ramo pioneiro. Tu vê... É um pouco do que eu tinha, mas é um pouco do que eu aprendi. É uma dose muito difícil de acertar. O Dé, de Três Coroas, que é meu assessor, ele fala uma frase que eu acho que é muito legal: o mestre pioneiro é um passo a frente e um passo atrás. Ao mesmo tempo em que tu não pode te omitir, quando tu vê que aquela poeira baixou, é aí que tu tem que ir lá e dizer: “pô, pessoal, vamos fazer alguma coisa!”. Que às vezes é mandar um e-mail, às vezes é xingar alguém e dizer: “tá parado isso aí” ou “tá parado aquele teu projeto”, “vai tocar, ou não vai?”, “vem aqui em casa, vamos trabalhar juntos!”, sabe? Ao mesmo tempo em que é isso, às vezes é dizer assim: dou um passo para

---

23 Outro projeto idealizado por Evelise.

*trás, deixo eles quebrar a cabeça um pouco, deixo eles tocar, e mesmo que não toquem, às vezes tem que deixar não acontecer, sabe? E daí eu vejo que não é por aí: “ó, pessoal vamos por outro caminho, vamos por aqui”; é uma questão de orientação, na verdade. Ao menos é o que está escrito nos livros, é isso que a gente tenta seguir por aí. Mas o que eu observo muito é isso, tu tem que sentir a coisa, tem que ver qual é o papel do pioneiro, ele tem que estar atuando, ele tem que estar trabalhando, tem que estar se mexendo, tem que estar fazendo alguma coisa. Se tu vê que não tá acontecendo, espera um pouco, deixa. Não vai rolar, vai lá: “ó meu, o que vocês vão fazer?; o que é que está acontecendo?; o que vocês estão fazendo?; qual é o projeto?”. “Ah, tamo fazendo não sei o que...” Viu que o trabalho iniciou: “Ah, mestre tu também podia...” “Não, não, com vocês.” Sai fora, deixa eles trabalhar e com o tempo deles a coisa vai amornando, vai parando e aí tem que ir lá de novo e dar uma quebrada. E depende muito das pessoas, sabe? Às vezes tu tem um pioneiro que tem o perfil pra frente, sem tempo ruim e ele puxa o clã e o clã vai na dele e ele vai. Cara, nestas horas teu trabalho é basicamente, assim, observar se alguém ficou pra trás e tu tem que ir lá e dar um empurrão. “Ah, quer conversar alguma coisa?” Se tu tiver alguém com o perfil pra frente, assim, dificilmente tu precisa estar atuando. Às vezes tu até precisa segurar. Eu brinco com os pioneiros quando eles montam alguma programação: “vão montando, se vocês começarem com estas coisas de tirar a roupa, eu mando parar. Só não pode ficar pelado”. Por quê? Por que... eles podem acampar, eles podem fazer atividade de aventura, podem ir para o cinema, podem ir visitar outro clã. Eles podem o que eles quiserem, eles que mandam na programação, só não pode fazer os absurdos, não pode programar nada que eu ache que fira o movimento.*

*Caio: Ou seja, a “boa conduta”.*

*Diogo: Eu uso este exemplo com eles: “só não pode ficar pelado, o resto vai tocando”.*

*Caio: O que é que faz o clã?*

*Diogo: O que é que faz o clã?*

*Caio: Utilizando a tua própria pergunta...*

*Diogo: Eu acho que é a energia dos pioneiros. Porque tu pode ter o mestre mais pilhado em fazer, mas se tu não tiver a galera que compre a briga, que não tenha vontade, a coisa não acontece, não adianta.*

Ainda sobre estas dinâmicas de vivência do ramo pioneiro e a vida em clã, o Áquila oferece outra perspectiva:

*Áquila: ...eu e o Gui tínhamos muitas ideias de montar o nome de um clã que fosse... que nos representasse, que a gente gostasse, uma coisa que nos agradasse. Mas ao mesmo tempo fosse aprazível para quem iria vir depois. Cara, por mim a gente bota clã dos padawans. Tá ligado, era só dois, era eu e o Gui e foda-se. Era Star Wars o que a gente gostava, tá ligado? E nós não, a gente foi lá e pensou em uma coisa que outros iriam gostar também.*

*Caio: No caso, baseado na cultura gauchesca...*



*Áquila: Que era uma coisa comum para todo mundo. Daí eles vão lá agora e mudam tudo para uma coisa que eles gostam<sup>24</sup>. Essa coisa de Senhor do Anéis.*

*Caio: E futuros pioneiros não vão gostar?*

*Áquila: Que nada, não se preocuparam com isso! E ao mesmo tempo eu e o Gui nos preocupamos tanto com isso, que a gente acabou fazendo uma coisa que, na verdade, eu e o Gui demos o braço a torcer em vários pontos. Eu queria muito fazer uma coisa Star Wars. Ao mesmo tempo, o Gui, era uma coisa de legionário romano. A gente pensou em colocar pirata, romano, que passou de Viking a Senhor dos Anéis. Eles devem acreditar em tal coisa. Ah, qual seria o cerimonial. O cerimonial, apesar de não ser o principal, ele é muito importante no Movimento Escoteiro. Eles têm cerimônia para tudo. Promessa: cerimônia, entrega de distintivo, tem cerimônia; entrega de medalha, tem cerimônia. Bandeira é cerimônia. Todo o dia tem bandeira<sup>25</sup>. É um Movimento cerimonial, ritualístico. Então, porra, a gente se preocupa com isso.*

Não é apenas a cotidianidade do clã que importa, mas também a influência em decisões pessoais. O movimento escoteiro acaba por abarcar outras esferas da vida, até a escolha profissional. E essas relações são construídas em meio a dinâmicas das atividades escoteiras.

*Áquila: A Lu me incentivou às Relações Públicas. A Lu que trabalha na comunicação comigo. O Juliano foi um RP que trabalhou, quando ainda era aluno, no escritório. O Diogo, enfim...várias pessoas da área. A Maiara que fazia jornal, às vezes a gente conversava sobre isso.*

*Caio: O que tu achas deste corte de classe que os escoteiros têm? Tu não conhece quase nenhum que está envolvido nos escoteiros com a idade pioneiro ou pós-pioneiro que não esteja envolvido com alguma faculdade, por exemplo. É muito raro.*

*Áquila: Quem não tá na faculdade, tá trabalhando. É uma questão de saber conciliar, mas é muito difícil. Dos 18 em diante é muito difícil conciliar, até os 18 tu só tem escola, curso técnico, inglês, coisa que tu te vira. É compromisso, mas ao mesmo tempo não é que tu não vai ter plano para aquilo, mas depois dos 18, a galera começa a trabalhar, a faculdade, quartel, e aí acaba. Das principais coisas que eu vejo no ramo pioneiro, as duas principais quebras que eu vejo é essa de responsabilidade e de programa<sup>26</sup>, porque coisas vão transcorrendo no desenvolver do ramo pioneiro, uma coisa mais deliberativa e menos ação.*

---

24 Aqui, Áquila se refere aos pioneiros que ainda estão em seu antigo clã, após sua saída do ramo pioneiro, mencionando que ele e Guilherme haviam inventado uma mística baseada em gauchismo e que foi substituída por uma inspirada em O Senhor dos Anéis de Tolkien.

25 Termo comum para se referir à abertura de qualquer atividade escoteira que conta com uma cerimônia própria de hasteamento da bandeira nacional.

26 Programa pedagógico, no caso.

### 3.2 Trabalho Voluntário

Quanto a projetos realizados em processo deliberativo por estes clãs pioneiros, seu maior enfoque se dá no que podemos chamar de “projetos sociais”. Como já foi dito anteriormente, o final do processo pedagógico no movimento escoteiro é a base de ações comunitárias do ramo pioneiro. Estas experiências funcionam tanto como uma “dádiva espontânea” dos pioneiros, como um meio de “autoaperfeiçoamento”: de busca de novas perspectivas de vida através do serviço para com o outro.

Um mutirão regional pioneiro é constituído basicamente do mesmo padrão, uma atividade de sábado e domingo. No sábado, atividade comunitária e festa à noite; no domingo, turismo pela cidade que está sediando o evento. Os pioneiros não realizam atividades comunitárias somente nos dois mutirões regionais que ocorrem a cada ano, mas também prestam serviço em projetos menores ou médios em seus locais de atuação, porém é o tipo de evento que reúne mais escoteiros de diversos lugares para esta prática.

Nos turnos da manhã e da tarde de sábado os participantes do evento são separados em equipes e divididos entre várias bases de atividade comunitária pela cidade do evento. Estas bases possuem dinâmicas diferentes conforme a necessidade. Por vezes, consiste em organizar uma sala que vai abrigar um telecentro comunitário, limpar o pátio (capinar os inços, retirar o lixo, varrer, pintar uma grade) ou organizar atividades recreativas para crianças. É comum haver brincadeiras mesmo entre pessoas que se conheceram no mesmo dia.

*Diogo: A gente foi para a Tia Lolô, para uma atividade comunitária lá, a gente se envolveu demais com a comunidade e o mutirão tinha uma sistemática que era muito legal porque eram três dias de atividades comunitárias e os participantes eram divididos em três grupos. Aí, era assim: um grupo ia num dia para uma base, o outro grupo na outra, e outro grupo na outra. No outro dia, invertia, então nos três dias tu participava das três bases nas atividades do mutirão. Só que era muito legal, porque quando a gente chegou lá no primeiro dia, os coordenadores dos projetos apresentaram como estavam os locais que a gente iria visitar nos três dias e o que precisava ser feito. Antes de a gente ir, no primeiro dia. Então, todo mundo saiu sabendo que eu ia para aquele lugar fazer tal coisa, o meu colega que tá indo para outra base tá saindo porque vai fazer tal coisa. E o outro tal, e outro tal. Aí, a gente ia para as bases, trabalhava e voltava. No outro dia de manhã, antes da gente ir para outra base, eles apresentavam de novo.*

*Caio: Como havia ocorrido o trabalho do dia anterior?*

*Diogo: Exatamente, era assim: “bom pessoal, lembram como é que estava. O pessoal de ontem fez isso, isso e aquilo. Ainda falta isso, isso e aquilo”. E aí, todo mundo sabia o que seus colegas haviam feito no dia anterior e o que teria que ser feito neste dia.*

*Caio: O que gerava motivação...*

*Diogo: Criava uma dimensão de desafio, sabe? Cara, a gente tem... Até criava umas competições, porque teve uma base que eles tinham moirões e tinham que cercar o local com moirões. E aí, a primeira equipe botou, tipo assim, 12 moirões e daí a segunda equipe foi para lá com o objetivo de, assim: “meu a gente tem que botar mais moirões que 12”. E a outra equipe foi lá e botou 26 moirões. Aí voltaram superfelizes, “porra, a gente botou mais moirões, não sei o que...” E aí, quando os caras apresentaram, a primeira equipe botou 12, a segunda 26. Daí a minha equipe foi a última base dos moirões e daí tinha que organizar a biblioteca, e aí a biblioteca já tinha sido organizada. A primeira equipe já tinha tirado os livros de dentro do ônibus, tinha feito prateleira dentro do galpão e o segundo time tinha separado os livros por sessões e a nossa missão era colocar os livros nas estantes separados, criar um sistema de empréstimo e tirar alguns livros que tinham restado na casa da dona do projeto... Daí foi muito legal quando nossa equipe foi para lá, né? Eu fui trabalhar na biblioteca e no final o nosso grupo botou sozinho 74 moirões. Foi algo impressionante!*

*Caio: Nota-se a motivação! Dá pra ver nos números ...*

*Diogo: Exatamente! “Ah, tinham mais pessoas?” Não. “Ah, tinha mais ferramenta?” Não! Sangue no olho que a gurizada foi para lá assim, ó: “a gente vai ser os caras que superaram eles”. E esta competição era positiva demais, porque era uma competição que surtiu o efeito que o projeto queria, que era botar o máximo de moirões possível. Então só que não era nem competição, mas era uma brincadeira muito legal. Tanto que a gente sabe que a gente voltou no nosso ônibus, a gente voltou da base até o local do acampamento gritando: “uh! é sete e quatro!”.*

*Caio: Então eram três bases ao todo. Esta que estavas falando dos moirões era na Tia Loló, e quais eram as outras duas bases?*

*Diogo: A outra base era na Ilha dos Marinheiros em Porto Alegre, numa escola. A gente ajudou a reformar a escola, arrumou a biblioteca também. E tinha um pessoal que foi no projeto da comunidade que faz pães. E aí o pessoal fez pães a mais naquele dia e distribuiu na comunidade. Eu fiquei na reforma. E o terceiro era na Metz, numa casa com crianças excepcionais. E aí, esse foi bem emocionante. Porque a ideia era fazer jogos escoteiros e brincadeiras com os internos, e a maioria era criança. Aí foi muito bacana porque eles estavam superempolgados com a gente lá e brincavam do que a gente brincava. A criançada estava superfeliz que a gente estava lá. E no final desta base, eu lembro que o coordenador se emocionou bastante para falar com a gente. No final, ele disse: “olha, eu queria comentar com vocês que nestes dois dias que vocês estiveram aqui, eu pude diminuir quase pela metade a dosagem dos remédios que eles usam para dormir”.*

*Caio: Sério?*

*Diogo: Acho que eles estavam tão cansados de ter brincado com a gente, mas estavam...*

*Caio: tranquilos...*

*Diogo: é, tranquilos...*

BRANDS  
FIM DO MUNDO  
PIONEER  
MÁIA  
COMUNITARIAS  
@ultimomundo  
Virgilia  
PADAWAY  
ULTIMOMUNDO

Tropa K2	Senhor
Sopa de galinha-e	Senhor
Tropa K2 organizo	Senhor
Acamp. nos coquei	Senhor
Pioneiro	Senhor
Chefia lobo	Senhor
Pioneiro	Senhor

*Diogo: Foi uma coisa muito forte, que a gente ficou conversando bastante tempo sobre isso. Tipo, o quanto que isso era, isto que ele tinha dito para nós, sabe? E outra, foi a primeira vez que eu vi gente do Brasil inteiro, numa atividade escoteira. E gente, nossa, ninguém ficava parado: “vamos jogar bola”, “vamos ensinar uma música aqui”. Isso era bem bacana. Esse lance da amizade. Foi a primeira vez que eu saí de lá conhecendo gente de São Paulo, conhecendo gente de Brasília, do Nordeste. Então esta atividade marcou demais. Foi incrível.*

Uma das hipóteses iniciais desta pesquisa era a constituição de alguma espécie de retorno que fosse fruto da ação social dos escoteiros. Em certo sentido, alguma reciprocidade deveria existir para que houvesse estímulo à existência destas práticas. Esta fala de Diogo exemplifica algo que encontrei algumas vezes nas saídas de campo: os escoteiros executam projetos de auxílio a outras pessoas ou instituições baseados em valores altruístas, segundo seu discurso. Porém, é possível ver algum retorno, a conformação de uma identidade, uma sensação de dever cumprido. Eles se tornam pioneiros “dignos” ao auxiliar outros, em contrapartida referendam seus discursos, *e se sentem bem*. Esta contrapartida não advém de alguma ação dos receptores do auxílio prestado. Mas de uma dimensão simbólica. Neste sentido, os escoteiros doam seu serviço, “sem esperar nada receber”, e acabam recebendo algo em retorno, um contra-dom, simbólico.

Outra questão que chama a atenção é a divisão entre “trabalho e diversão”. O discurso do movimento escoteiro é muito focado no trabalho que é prestado. Mas vejo que os pioneiros talvez estejam interessados da mesma forma em servir a si mesmos, na medida em que as demonstrações de afetividades e as sociabilidades entre eles se desenvolvem tão facilmente. Pergunto-me o que realmente é mais importante, a festa ou o servir, a sociabilidade ou o trabalho voluntário.

Distinções entre empreendedorismo social, ação comunitária, projeto social, assistência, ajuda humanitária e outros tipos de auxílio a outrem não são itens de discussão entre estes interlocutores com quem desenvolvi a pesquisa. O espectro do que eles chamam principalmente de “projeto” e “serviço” é variado e diversificado, não possui uma tradução comum à primeira vista.

A partir disso, certas noções se confundem quando se busca sintetizar as experiências vividas por eles, porém esta confusão não é presente em seu pensamento nativo, estas dinâmicas são claras e entram, todas, dentro de uma mesma conceitualização que é a do que “os pioneiros fazem”.

Diogo: *E aí a gente propôs, a gente fez o Oasis<sup>27</sup>, que era uma coisa nova também. Foi muito bacana porque eu aprendi também no movimento escoteiro. No Encontro Nacional de Jovens Líderes, a gente foi lá para São Paulo. Foi eu e o Afonso do nosso grupo. E neste evento eu conheci o Edgar de Gouveia Junior que é o cara que criou o Oasis junto com o Instituto Elos. E então a gente definiu em agosto que a gente queria fazer atividade comunitária diferente. E a nossa ideia era que fosse uma coisa mais pessoal, os pioneiros mais em contato com a comunidade. E a ideia que a gente tinha tido naquela época era de fazer uma gincana nas escolas. Então a gente ia divulgar, dividir os pioneiros em 10 grupos, dividir em 10 escolas municipais e naquele dia seria dia letivo, as crianças iam estar estudando, tendo aula. E os pioneiros iriam para as escolas de manhã, ganhariam um programa pré-pronto da atividade, mas poderia modificar com o seu conhecimento, que isso é uma coisa que a gente queria valorizar. “Ah, eu sei um jogo que eu gostaria de aplicar”. Ele poderia colocar lá na gincana, sabe? E de tarde ele aplicaria este jogo. Mas no meio do caminho a gente conheceu o Elos e a gente ouviu o que era o Oasis da boca do Edgar, que era o criador da metodologia... Isso é o que matou totalmente, sabe? Quando eu e o Afonso voltamos de lá, a gente estava “vomitando arco-íris”. Daí a gente chamou o clã e disse: “para tudo, a gente tem uma coisa bombástica para mostrar para vocês”. Daí a gente pegou os vídeos do Oasis e fez uma apresentação tentando ser tão empolgante quanto o Edgar. E aí, só para tu ter uma ideia, eu e o Afonso tentando ser o Edgar de empolgação, a gente conseguiu fazer todo mundo ficar empolgado no clã. Então todo mundo na hora disse assim: “para tudo” e “a gente vai fazer o Oasis”. E aí a gente começou a procurar como é que fazia o Oasis. E a gente encontrou uma menina em Porto Alegre chamada Natalia, e recomendaram para nós: a melhor maneira de fazer um Oasis é conversar com alguém que já fez um. E a gente marcou um dia na Redenção e foi tomar um sorvete com ela e lá ela conversou com a gente e disse que poderia vir para o Cai no mês que a gente fosse fazer e ajudava a fazer.*

Caio: *Como funciona esta relação do trabalho voluntário com o pioneiro?*

Diogo: *Eu acho que uma coisa chama a outra. Eu acho que o principal é a interação com a comunidade. Acho que essa é a parte mais importante. Só que a melhor forma de te integrar com a comunidade é o trabalho voluntário. É que o trabalho voluntário é coisa que a gente fala pouco no Movimento Escoteiro. Mas na verdade toda a ação que tu organiza para beneficiar alguma coisa é um trabalho voluntário. E a gente acaba que nem vê isso desta forma, né? “Ah, vamos fazer a campanha do alimento aí, arrecadar alimento para uma instituição”. Tá, então a gente tá se dedicando por uma causa que a gente não tá ganhando nada por isso, financeiramente.*

---

27 Oasis: metodologia “de empreendedorismo social” inventada e gestada pelo Instituto Elos (Santos, SP). Uma espécie de modelo-pronto de como executar ações de impacto em comunidades carentes através de um programa dividido em sete fases. É vendido como um programa de maior impacto social do que outros modelos existentes por envolver as comunidades e realizar projetos cujo objetivo são postulados por estas. “Oaseiros” voluntários acabaram firmando parcerias com escoteiros para executar esta metodologia em diferentes partes do Brasil, como no exemplo contado por Diogo.

Podemos assumir, para retomar uma questão anterior, de que tanto a “festa” quanto o “trabalho” são necessários para as práticas desenvolvidas pelo ramo pioneiro. Os pioneiros que vão a atividades de maior porte buscam conhecer pessoas enquanto “fazem o que os escoteiros fazem”, ou seja, “ajudando ao próximo”.

Através de seu voluntariado, eles se engajam entre si como grupo distinto de outros por um sistema simbólico comum e não buscam necessariamente um engajamento com os locais que recebem a ajuda que oferecem. O contra-dom (Mauss, 1974a) que recebem por seu trabalho não advém dos receptadores desta doação. Por ser uma doação especificamente de si mesmos, seu resultado é a conformação de uma noção de pessoa (Mauss, 1974b). São novas amizades, novas experiências, “boas sensações de dever cumprido”. Nesta medida, posso constatar que esse voluntariado não significa necessariamente um trabalho voluntário, pois escoteiros se voluntariam em outras frentes além do serviço ao próximo idealizado de comunidades carentes.

Eles se voluntariam em seus grupos escoteiros, e esta dádiva de si significa mais uma noção de pertencimento na comunidade escoteira do que um engajamento em ações sociais comunitárias anti-hegemônicas que visam independência de grupos sociais cujas necessidades não são plenamente providas em nosso mercado capitalista, ou seja, as ações que executam não se preocupam com o desenvolvimento de autonomia destes grupos. Já o trabalho voluntário é algo mais específico e não essencial nas atividades destes escoteiros e corrobora na afirmação de sua distinção na sociedade, sendo o movimento escoteiro um lugar de “formação de cidadãos ideais”.

Estes mutirões e projetos aqui descritos nada mais são do que práticas lúdicas um tanto quanto singulares, sendo as relações afetivas que daí surgem tão importantes quanto ver o resultado da execução de projetos.



## 4. O que é a dádiva de si no movimento escoteiro? Ou sobre engajamentos

*Vós que entraís no inferno das imagens, perdei toda esperança.*  
(Paul Virilio)

Início este capítulo trazendo três falas necessárias para iniciar o último movimento deste artigo. A primeira delas é de Áquila, a segunda é de minha autoria através de um excerto do caderno de campo e a terceira é uma conversa com Rebeca, “Bekah”, interlocutora ainda não apresentada neste texto.

Em uma entrevista realizada com Áquila em janeiro de 2013, me deparo com o seguinte diálogo:

*Caio: Se não tivesses entrado no movimento escoteiro, qual teria sido teu percurso de vida?*

*Áquila: Não tenho a menor ideia, porque eu entrei com 8 anos.*

*Caio: E consegues imaginar tua vida sem os escoteiros?*

*Áquila: Não.*

Não, não é possível imaginar a vida dele sem o movimento escoteiro. Especialmente pelo fato de ter começado a participar com uma idade muito tenra, Áquila não consegue imaginar sua vida sem estar presente em seu cotidiano questões relacionadas ao escotismo. Mas, que tipo de engajamento é este para receber uma negativa tão enfática quando questionada a possibilidade de não haver mais envolvimentos cotidianos dele com este movimento? Por que ele não consegue conceber sua vida sem a prática do escotismo?

**Excerto do Caderno de Campo,  
08 de julho de 2012, domingo, 11h.  
Apartamento na Rua Riachuelo, Porto Alegre.**

“O que define o começo e o final do campo no âmbito desta pesquisa? Sou, sempre fui e sempre serei um escoteiro. Este pequeno relato fala justamente sobre o ponto em que o campo invade o ambiente privado de minha vida sem pedir licença. Estava recebendo em minha casa o Águila e um adulto escoteiro da Colômbia que ele conheceu através do Santì de Cordoba. John (é esse seu nome) está executando um projeto de viagem, iniciado em novembro de 2011, pela América do Sul. Até chegar a Porto Alegre, ele já havia passado por Equador, Venezuela, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Toda a viagem, em seus vários quilômetros, foi percorrida sobre uma vespa de 1989, com placa de Equador, ‘chamada Matilda’. Estávamos conversando em meu apartamento sobre sua viagem e sobre várias fotos que ele tirou, quando me lembro das pedrinhas que trouxe da ilha de Brownsea. Na mesma hora, pensei que seria um bom presente para ele. Fui até meu quarto, peguei uma das pedras do pequeno baú onde está a coleção e voltei à sala, quando lhe disse: ‘John, conhece aquele ditado de que todas as estradas levam à Roma?’ Ele ficou um pouco confuso e respondeu que sim. Ao que continuo: ‘Bom, do mesmo jeito, todos os caminhos levam a Brownsea.’ Ele pegou a pedra (ainda confuso), quando comecei a explicar de onde peguei a pedra. Ele me falou: ‘Isso é um bom regalo’ e foi em direção à mochila para guardar a pedra. Na volta, trouxe junto de si uma fita de pulso oficial da viagem.

Nesse ponto, eu estava na cozinha passando um café preto, ele entrou na cozinha, enquanto eu demonstrava (ou imagino que demonstrava) um ar atarantado. De um jeito um pouco ‘despacito’, ele pegou minha mão e falou de uma forma solene: ‘Caio, esta é a fita oficial da Foto-Travesia Scout por America’ (nome do projeto da viagem que ele estava desenvolvendo). Por que estou relatando isto aqui? Bom, primeiro, é mais uma das tantas experiências com escoteiros de outros países que tive nesses dois anos; segundo motivo, pelo jeito que ele falou e pelo gesto que ele fez. Aqui estava eu, em minha casa, e um escoteiro utiliza os mesmos artifícios que eu e outros escoteiros brasileiros utilizamos em ocasiões solenes. Este hábito da troca de presentes é algo comum e já observei/participei várias vezes desta prática, mas não é a natureza do presente em si que importa, e sim o reconhecimento mútuo de irmandade ou de fraternidade entre iguais que está implícito ao gesto. Ou seja, além de escoteiros usarem lenços triangulares em torno do pescoço, eles também trocam presentes, suvenires e lembranças, um monte de ‘caquêdo’, cuja importância é mais simbólica do que mercadológica.”

Busco desvelar, a partir destes dois primeiros pontos, a possibilidade de afirmar que existe um reconhecimento e um engajamento “vivencial” a partir do movimento escoteiro para seus membros. Estes engajamentos (Ramos, 2007; Hobsbawm, 2010) se dão de formas diversas, em vias institucionais, em vias de “filosofia de vida” e outros tipos de dispositivos.

Hobsbawm (2008:138) afirma que “‘engajamento’ é uma dessas palavras como ‘violência’ e ‘nação’, que escondem uma variedade de significados sob uma superfície simples e homogênea”. De forma alguma pretendo aqui estabelecer padrões conceituais específicos sobre engajamento enquanto um conceito fechado e único. Espero, apenas, atingir o que significa o engajamento segundo a visão de meus interlocutores face ao movimento escoteiro, pois este faz parte da constituição de um *noção de pessoa* específica, construída no movimento escoteiro através da doação de si mesmo.

*Caio: Nunca saíste do movimento?*

*Bekah: Nunca!*

*Caio: Nunca? Mas já chegaste a enjoar, deu vontade de sair?*

*Bekah: Sim!*

*Caio: E por que é que não saíste?*

*Bekah: (...) Não sei... A vontade que eu tenho de ter tempo livre é agora. Só que agora eu não posso mais.*

Bekah acredita não ser mais possível se afastar do escotismo, ao menos no ano de 2013, por ter assumido certas responsabilidades institucionais. No início do ano, ela se tornou vice-presidente da região escoteira do Rio Grande do Sul, além de já coordenar a Rede de Jovens. Por ter assumido esses compromissos, se vê atrelada ao movimento escoteiro de uma forma que ultrapassa seus desejos. Passou, ao assumir estes cargos, a se considerar responsável, ao representar algo além dela mesma.

Este tipo de responsabilidade demonstra ser reflexo de sua formação no ramo pioneiro, como vemos a seguir.

*Caio: Foste então, pioneira por três anos, e nesse período teve...*

*Bekah: um ano morto.*

*Caio: Teve um ano que foi só para a ERP<sup>28</sup> também...*

*Bekah: Não sei, eu tive um ano morto dentro do meu clã. Que eles não faziam nada e eu não fazia nada. Daí eu não conhecia o que rolava no ramo, daí não tinha ninguém para me apresentar. No meu primeiro ano de pioneira. Daí, no segundo, foi quando eu conheci os gurus da ERP. Daí no*

---

28 ERP, Equipe Regional Pioneira, conforme explicado no segundo capítulo deste estudo.



*mutirão de Farroupilha*<sup>29</sup>, eu falei: “você não vão fazer nada?” Sei lá, muito fechado! Daí, eu fui conhecer gente. Peguei meu lenço e fui atrás de pessoas para trocar lenço e conheci os guris e participei de uma reunião onde falaram que ia cair a forquilha do ramo pioneiro... ia cair a ERP, ia cair tudo. “Como assim?” E eu sempre fui questionadora, neste sentido. Daí eu fui conhecendo, conhecendo, quando eu vi, eu estava na ERP.

*Caio: Então, no segundo ano, começaste a te envolver mais... com outras pessoas, de outros grupos, e no terceiro foste representante da ERP. Tu era vice-presidente da ERP?*

*Bekab: É, eu era vice.*

*Caio: Mas vocês tinham um sistema de que todo mundo fazia tudo...*

*Bekab: Só tinha que ir no papel porque precisava. Porque eu, o Pavim, o Cássio, o Léo, a gente fez o trabalho, no mesmo nível. Todo o mundo trabalhava igual. Cada um tinha uma facilidade num quesito e a gente se completava, né?*

*Caio: O que levas desta experiência da ERP em nível organização do movimento?*

*Bekab: Eu conheci uma coisa que meu grupo nunca me mostrou.*

*Caio: O quê?*

*Bekab: A parte institucional.*

*Caio: Achas que esta é a parte mais importante?*

*Bekab: Não, eu acho que é um complemento. Um depende do outro. A base local funciona muito bem, mas ela precisa da base institucional para deixar no caminho correto. Eu acho que um trabalho complementa outro.*

*Caio: E o que seria o caminho correto?*

*Bekab: Não, não é o caminho correto, mas é uma comunicação de todos os caminhos, de todas as bases locais, sabe? É como se juntasse todas as bases, e deixasse elas na mesma rota.*

*Caio: Tu está querendo dizer que a integração/relação de diversos locais, pelo menos a nível nacional, só funciona se tiver esta instituição...*

*Bekab: Não, é que um depende do outro, eu acho. Porque se deixar cada base local trabalhar por si, eu acho que a coisa ia se perder, ia se desorganizar. Eu acho que o institucional é necessário para deixar a coisa organizada.*

*Caio: Organizada em que sentido?*

*Bekab: De programa, de método educativo, de... Até de conhecimento de outras bases locais, sabe? É como fosse... interligado.*

*Caio: A instituição como espaço de troca?*

*Bekab: Eu acho que é importante a parte institucional para o local, mas não é a mais importante. Quanto mais eu tô subindo, mais eu tô vendo que a parte institucional podia ser mais importante, mas não é.*

---

29 Mutirão Regional Pioneiro que ocorreu em Farroupilha no ano de 2010.

*Caio: Ocupando um cargo na diretoria regional, como vê este processo?*

*Bekah: Eu acho que é uma puta conquista de espaço. Eu tô vendo que, enquanto representante jovem, é uma puta conquista, mas eu tô vendo que as coisas não funcionam melhor porque as pessoas são idiotas. Se as pessoas tivessem mais boa vontade para o movimento e menos para si, iria funcionar muito melhor. É a mesma coisa que eu vejo com a política, eu acho ela extremamente bonita. Eu acho que o anarquismo ia funcionar, por exemplo. Mas ela não funciona por causa das pessoas. E o movimento escoteiro podia ser muito melhor, mas não funciona por causa das pessoas.*

A partir disso, podemos ver algumas questões que aqui são suscitadas. Bekah acredita em um papel ativo de adultos voluntários jovens dentro do movimento escoteiro. E alerta sobre os usos que podem ser feitos do movimento escoteiro. Sobre o papel ativo de desempenho de funções que visam a um “bem geral”. Assim como sobre posturas que usem o escotismo para promoção pessoal. Ela postula esta fala tanto da perspectiva de cargos institucionais que ocupa, quanto a partir de seu papel na formação de jovens na “base local”, como ela mesma refere, já que também atua como escotista em um grupo na cidade de Canoas, além dos cargos regionais.

*Caio: Naquela questão do “serviço ao próximo”, que é basicamente o cerne do ramo pioneiro, e é o cerne do movimento escoteiro de uma maneira um pouco mais geral, está o altruísmo?*

*Bekah: Aí é que tá, às vezes eu me monitoro muito nisso, para não usar o Movimento Escoteiro como impulsionador de alguma coisa. Eu me controlo, porque às vezes tu não nota e quando vê tu aproveitou o Movimento Escoteiro, sabe? E não contribuiu, só aproveitou. Claro, de fato, tu aproveita, mas tu tem que contribuir para o Movimento Escoteiro, mais do que aproveitar. Essa é, mais ou menos, a visão que eu tenho como chefe. Eu aprendi muita coisa, me passou muita coisa, agora tá na hora de devolver.*

*Caio: Eu entendi. Tu acha que o Movimento não é voltado para ti.*

*Bekah: Não, eu cuido para não me aproveitar do Movimento Escoteiro, porque sendo da diretoria, sendo já um líder, sendo conhecida institucionalmente em viagens, em atividades, em coisas. E deixar, às vezes, o local para trás. E deixar o importante que é o jovem no Movimento Escoteiro para trás. Porque eu vejo como o Águila faz, por exemplo. Eu acho que o Águila aproveita o Movimento Escoteiro para ele e não contribui.*

*Caio: Por que dar mais importância para a base local?*

*Bekah: Porque é de onde sai o jovem. A gente faz a base local. O jovem, que é o principal do Movimento Escoteiro, está localizado na base local. E o Movimento Escoteiro tem de ser aproveitado por ele, logo tem que ser feito para ele. E se num momento que eu fico pensando num Movimento Escoteiro só para mim, e não penso nisso, eu deixo para trás ele. Daí eu me monitoro para não fazer um aproveitamento errado do Movimento Escoteiro.*

Categorias sobre qual o envolvimento “válido” dentro do escotismo mudam de forma conforme o enunciador. Áquila, por exemplo, tem noção das críticas que sofre, como temos aqui o exemplo enunciado por Bekah. Os engajamentos (Ramos, 2007; Hobsbawm, 2010; Silva, 2012) aqui discutidos se dão mais no nível institucional do que em outros, porém isto é reflexo dos interlocutores com quem tive estas conversas. Estas noções entre a base local e a dimensão institucional atravessaram em vários momentos as falas deles. Parte disso uma preocupação de entender o escotismo enquanto um movimento que busca uma certa “homogeneidade” em sua “heterogeneidade”, como ainda foi colocado pela Bekah, sendo a base local o lugar de aprendizados e práticas e a instituição o lugar da reflexão sobre os métodos utilizados e o lugar de desenvolvimento de novas práticas políticas. Já, neste quesito, papéis mais individualistas são por vezes rechaçados em contraponto à ideia de *vida em equipe*, como mencionado anteriormente.

*Caio: Te consideras um líder?*

*Áquila: Eu não vou dizer isso.*

*Caio: Por quê?*

*Áquila: Não vou! Acho que é “se achar”. Acho que dizer “sou um líder” é... grrr!<sup>30</sup>*

*Caio: Não gostas de dizer “sou um líder”?*

*Áquila: Não gosto de dizer “sou”.*

*Caio: Ou “estou” um líder, então.*

*Áquila: Não, de escrever no currículo “eu, sei lá, tenho facilidade com liderança de equipe”... Eu me sinto mal de escrever isso. Mas, sim, é verdade. Mas eu me sinto mal.*

*Caio: Porque tu acha...*

*Áquila: que é se achar? É tipo uma coisa que não parece que tu tá sendo humilde. Porque parece que o líder é o mais importante. E não é, a gente aprende isso nos escoteiros. O líder não é o mais importante. Mas a liderança é estimulada porque sabe-se que a liderança é importante na sociedade. A gente diz de forma livre isso, a gente enche a boca para dizer isso.*

*Caio: Mas então qual a questão que aqui entra? Qual achas que é o “diferencial” do movimento escoteiro?*

*Áquila: É a vivência que eu tive desde os 11 anos. Desde os 7, dependendo o caso. E lidar com equipe, sempre tem gente diferente, sempre tem gestão de conflitos, uma caralhada de coisa que tem universitário que não sabe.*

*Caio: E qual é o teu perfil de envolvimento hoje? Eu sei que tu não...várias pessoas dizem que... na tua frente inclusive. Às vezes o pessoal diz que não terias exatamente um perfil para trabalhar com jovens.*

---

30 Áquila, por vezes, utiliza este som para expressar descontentamento, enquanto contrai os ombros. É mais usual quando considera alguma discussão tensionada demais ou sobre assuntos delicados.



*Para ser um chefe, um escotista. Como é que entendes teu envolvimento com os escoteiros hoje? Como esse envolvimento vai se dar a partir de agora, daqui para frente?*

*Áquila: Desde que eu era pioneiro, eu sempre pensei assim: o movimento escoteiro tem 100 anos e vendo também o que é, ele é um movimento amplo e cabe todo mundo, seja quem for, seja o que ele quiser fazer. Como movimento educacional ele precisa de recepcionista, educadores. Mas como organização ele precisa de administradores, de contábeis, ele precisa de comunicadores, ele precisa de políticos, ele precisa de outras coisas como organização. Como uma empresa precisa de vendedores, precisa de gerentes, precisa de... E tem distintas facetas, ele é organização e movimento. Esta dissociação eu também tenho bem em mente, tá ligado? Eu hoje não trabalharia para o movimento. Trabalho para a organização do movimento. Para a estrutura político-burocrática e não para o movimento. Mas eu não consigo desvalidar esta... invalidar esta minha... meu envolvimento. Então eles dizem que eu não consigo trabalhar com jovem por eu não ter perfil, não ter saco, enfim... Mas me interessa mais pelo trabalho político-burocrático do que estar longe do jovem, porém visando ele no final do processo! Não que eu não seja útil ao grupo escoteiro. Mas eu sou útil ao jovem indiretamente. Eu acredito que isso tem fim indireto ao jovem associado. Por exemplo, imagina que lá no CONJUVE<sup>31</sup> eu consigo uma verba para o Grupo Escoteiro. Essa verba acaba por trazer mais jovens carentes. Vai que uma entidade carente na Paraíba que vai tentar ter verba do governo federal, que fui eu que impliquei. Para mim...*

*Caio: Isso é uma hipótese, mas tem um caso parecido que é o caso do escotismo nas escolas do Rio Grande do Norte.*

*Áquila: É, alguém fez um lobby com o governador e com a secretária de Educação e hoje tem um monte de gente que é beneficiado com isso, quase 8 mil jovens dentro do Estado do Rio Grande do Norte. Alguém não estava com o jovem no sábado à tarde, mas estava com o governador. Eu não tô com jovens todo sábado, mas eu tô numa reunião a cada dois meses em Brasília, ou eu estou com o Ministro, ou Deputado... O Pacto Escoteiro mostra bem isso. Saiu do Governo Federal o Pacto da Juventude pelo CONJUVE. Eu peguei, me apropriei dele, li e passei para Cris. A Cris digeriu, o Diogo “Opa, vamos fazer o Pacto Escoteiro!”. A gente fez. A gente fez a parte de planejamento dele, a gente fez a execução, porque, por exemplo, em São Paulo eu participei da assinatura de um cara. A gente fez o relatório agora e, por exemplo, no Ceará tem um Grupo Escoteiro que conseguiu 20 assinaturas: 15 vereadores e 5 com a do prefeito. O prefeito eleito assinou. E 12 vereadores dos 15 foram eleitos. Eles têm todo o Legislativo e todo o Executivo na mão; eles precisam de uma sede. Ou seja, ele estão conseguindo a sede.*

*Caio: A partir do pacto escoteiro.*

*Áquila: Sim. E o cara é meu brother. Eu falei com ele lá no encontrão em Natal e falei: “tu viu que afudé, o teu grupo escoteiro foi citado como exemplo nacional...” Então tinha um Grupo no interior do Ceará que vai ser beneficiado com uma coisa que eu ajudei a fazer. Eu, o Diogo, a Carla... Eu queria muito que meu serviço indireto fosse mais próximo, que meu grupo conseguisse ver, que o Estado conseguis-*

---

31 Conselho Nacional de Juventude.

se ver. Hoje não consegue. Ok, beleza, mas eu acredito que um dia vai dar certo. Um dia eu posso dizer, “ah que legal o cara tá fazendo isso”. Porque não rola um reconhecimento. Porque eu tô longe dos jovens. Eu tento me aproximar do jovem, enfim, porque tenho muitos amigos que trabalham com jovens. Daí eu acabo tendo que me aproximar sem ter um comprometimento, e daí a galera diz: “tu não quer nada com nada. Sai fora daqui”. Ou: “é muito fácil ficar pulando de atividade em atividade e só ir às coisas boas” e não pegar... e nunca pegar o pega-*pra*-capar da sessão todo o sábado. É verdade, mas ao mesmo tempo, o tipo de compromisso que eu assumo de uma quarta-feira de tarde, estar em Brasília, o cara não assume. Mas eu não julgo ele por isso. Estranho, né?

Caio: Parece que a tua relação não é inversamente igual, digamos assim.

Áquila: Não, porque o movimento escoteiro permite isso. Porque se o movimento escoteiro fosse que nem uma escola, uma escola certinha, não ia precisar de gente com trato político. É uma escola, tem educadores, alunos e um corpo diretivo. Mas não, o Movimento Escoteiro é amplo.

Áquila: Sim, é uma ONG. Tem que captar recurso, tem que gerir recurso, ela tem que distribuir recurso, ela tem que captar jovens, ela tem que gerir jovens, ela tem que captar a mídia, ela tem que gerir a mídia. É muito coisa.

Caio: E achas que este trabalho somente é feito com um objetivo completamente altruísta, ou achas que tem alguém se promovendo com isso?

Áquila: ah, tu sabe como é! A gente sabe que tem muita gente que se promove à custa do movimento escoteiro. Mas ao mesmo tempo são casos isolados.

Caio: Casos isolados, mas existem.

Áquila: Sim, existem. Mas ao menos o movimento escoteiro... O movimento escoteiro dá uma visibilidade para a sociedade, mas não é o melhor lugar para isso. O Salamuni foi presidente da UEB duas vezes, já. Ele se elegeu como vereador mais votado de Curitiba. Muito por ele ser polêmico e ir atrás de causas e acreditar em causas. Mas também por ser escoteiro, levou vários votos dos escoteiros de Curitiba. Ok... acabam votando nele por ser escoteiro. Ele se promove. Mas aí que é engraçado... ah, o cara é presidente da União dos Escoteiros do Brasil, grandes merda! Fora do Movimento Escoteiro, que diferença isso faz? Que adianta ser considerado para 70 mil pessoas como presidente?

Caio: Mas espalhados pelo Brasil inteiro que não podem votar nele, porque está fora de jurisdição.

Áquila: Ter fama... o cara é conhecido dentro dos escoteiros. Qual é a fama que isso me dá? Qual é o bem que isto me faz? Eu, como escoteiro... As pessoas de fora pensam “o cara é honrado, o cara é reto, o cara é gente boa”. A gente tem uma fama, a gente tem uma bagagem de... uma acumulação de bom caráter. Isso para fora é bom. Talvez isto... Mas isso é indireto. Eu não vejo o cara se promover como “escoteiro”.

Deste ponto, é possível ver a forte influência do princípio de “exemplo”, tão comum entre os escoteiros. Eles se veem e são vistos como bom exemplo. E existe uma real preocupação sobre isso entre eles.

*Caio: Acreditas que teu trabalho na diretoria do escotismo gaúcho vai influir na vida dos jovens?*

*Bekah: Eu acho que vai dar coragem para o pessoal mais novo. De achar que pode ser escutado, ser menos preconceituoso com a região institucional. Mas também mostrar para a galera mais nova, assim, do meu grupo, porque eles não têm a noção do que é a diretoria. Lá no meu grupo eles não têm noção disso. Mas eles sabem que é algo importante, e é como se fosse algo em longo prazo. Quando for a vez deles de serem, de começarem a contribuir e eles verem que eles têm espaço dentro do institucional. Que eu acho que a gente começa a ter esta consciência do institucional quando a gente vai para o ramo pioneiro. Porque a gente já tá mais amadurecido, o programa para de ser feito para nós, a gente começa a ver os problemas que vêm da parte institucional. Daí começa a questionar. Porque o ramo escoteiro não vê isso, e o sênior também não vê.*

*Caio: Este papel do questionamento é muito importante. Justamente porque se trabalha em equipes, o tempo inteiro no Movimento.*

*Bekah: É, e daí eu acho que o pessoal vê que tem alguém na diretoria, ou que tem engajamento da Rede Jovem, ou participação em âmbito institucional, é para eles perceberem que eles podem, que eles são ouvidos! Porque no momento que tu perde este link com a regional, e a região não procura também (o que acontece em muitas regiões), o pessoal fica cético e começa a largar o movimento ou acha que não tem futuro, ou acha que não vale a pena. Que, apesar de estar começando a achar que... ah... Cada vez que eu assumo mais, eu tô me decepcionando mais com o Movimento Escoteiro em âmbito institucional. Mas eu acho que é importante o pessoal ver que tem como questionar direto no programa<sup>32</sup>.*

O movimento escoteiro é “vendido” para pais e responsáveis de seus novos integrantes juvenis como uma atividade de lazer e um método educacional extracurricular. Acredito já ter demonstrado até aqui que não é este o modo como Diogo, Áquila e Bekah encaram o escotismo. Ele acaba por “atrapalhar” outras esferas da cotidianidade destes jovens adultos envolvidos. O começo deste processo, acredito, é o que Bekah referencia como essa vontade questionadora que se inicia ou é estimulada no ramo pioneiro.

Acaba por conformar uma dádiva de si, na medida em que estas pessoas possuem grande envolvimento com práticas, dinâmicas, dispositivos e discursos deste movimento, pensam ser impossível imaginar sua vida longe dele e negociam outros aspectos de sua vida com a opção pela prática do escotismo ou a sua não prática.

*Diogo: Meu último ano de pioneiro foi bem complicado porque eu estava dividindo o teatro com o escotismo e o escotismo ganhava sempre na balança, todas às vezes. Ai isso, às vezes, me deixava chateado, porque daí tinha uma peça que eu não ia participar porque eu sabia que não ia poder ir aos ensaios, então*

---

32 Como comumente é referido o “programa de jovens”, ou seja, o projeto pedagógico de formação do movimento escoteiro.



*eu não participava. Então isso me criava uma coisa assim: “pô, será que eu tô fazendo uma escolha certa pelo escotismo”, sabe? Mas ao mesmo tempo era claro que eu tinha que escolher o escotismo, sabe? Quando eu fiz 21, eu pensei assim: “cara, agora, de repente é um ano para eu dar uma chance para o teatro, para ver se é isso mesmo que eu quero”, sabe? É por isso que eu saí. Então, eu fiquei de fora, larguei tudo e disse assim: “agora eu vou fazer teatro”, sabe? Aquele ano eu fui para o grupo de teatro, a gente ensaiou peças, apresentei, e no final do ano eu vi que não, não era teatro que eu queria fazer. E aí, em 2009, quando eu voltei, eu ainda estava trabalhando no projeto de teatro, então eu ainda tinha um vínculo forte com lá e estava naquela de sai, não sai, sai! Então eu voltei a participar de novo em setembro quando eu fui me aproximando do grupo de novo, sabe? E aí, foi bem um ano antes dos 50 anos do grupo (em 2010) e aí, na verdade, eu estava voltando, porque eu já estava pensando... não sei se eu já tinha entrado na faculdade, acho que não. Mas eu estava pensando nesta questão de eventos e já estava trabalhando nisso também. Então eu pensei: “posso dar uma mão para o grupo ajudando a organizar esses eventos dos 50 anos”, daí eu voltei por causa disso, só que aí quando eu voltei já deu mudanças lá no grupo e aí sobrou uma vaga de mestre pioneiro. Então eu disse: “dá aqui para mim!” Daí eu peguei e voltei para o clã e tô até hoje como mestre pioneiro. Até hoje.*

*Caio: Sim, mas a questão, a incógnita é o que a gente ganha com isso de se envolver com o movimento escoteiro, porque a gente ganha alguma coisa...*

*Diogo: Cara, eu vejo milhões de pagamentos por isso. Para mim, eu sempre briguei com isso, às vezes tem um pioneiro que diz: “ah, eu não vou investir nesta atividade porque eu não tenho dinheiro, vou perder dinheiro nesta atividade. Tô indo lá para trabalhar de graça”. Já ouvi isso várias vezes. E cara, tem muita coisa que eu aprendi aqui, nesta mesa aqui (ele aponta para os distintivos de atividades que estava me mostrando e que se encontravam sobre a mesa em que estávamos sentados). Cara, muita mesmo, muita mesmo. Hoje, por exemplo, eu posso sentar no computador, no Corel Draw, no programinha de desenho e fazer estampa de camiseta. E eu faço umas estampas que eu acho bem bonitas no final das contas. E tem muita gente que diz que as estampas são bonitas. Nunca eu imaginava que eu faria criação de alguma coisa antes disso aqui, entendeu? Todas as referências aqui me serviram para criar coisas. A própria coisa da edição de vídeo. Eu não sabia editar vídeo no início e teve alguma destas atividades que eu precisei editar vídeo e comecei a aprender e fui, fui, fui e comecei a aprender e comecei a fazer. Mas aprendi por causa das atividades. Sem dúvidas nenhuma, isso aqui foi um motor para eu pesquisar como se faz um projeto, para eu pesquisar... Agora, recentemente, o grupo foi o motor para eu saber como é que se faz o cadastro na Nota Fiscal Gaúcha, como é que se faz o cadastro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança do Caí. Na verdade, o que é que eu estou ganhando com isso? Qual é o dinheiro que eu estou ganhando por isso? Não, mas agora eu sei cadastrar no sistema, eu conheço o programa. Tem umas pessoas que eu conheço, assim, que são amigos meus, que eu considero, eu gosto muito de conversar, que são aquelas pessoas que viajaram bastante, aquela pessoas que já leram bastante, aquela pessoa vivida, aquela pessoa culta... Não culta no sentido de estudada, ela é culta, tu pode sentar com ela e ela vai ter, todos os assuntos ela vai poder conversar, sabe? E isso, no final das contas,*

*é um objetivo meu, de poder ser uma pessoa que alguém vai dizer assim: “bah, como eu gosto de ir lá e conversar com o Diogo, porque ele já viajou bastante, conhece bastante coisa, se eu falo sobre um assunto ele consegue opinar, consegue conversar sobre”. Eu acho que isso é uma coisa que internamente me move.*

*Caio: É uma realização que tu teve na vivência do escotismo, esse que é o ponto.*

*Diogo: Isso. E é isso, hoje, que me ajuda em um monte de coisas, é isso que eu tento explicar para as pessoas. Eu aprendi a organizar eventos e isso aqui (aponta novamente para os distintivos). Hoje eu organizei um, por exemplo, na minha empresa e eu não ganho nada a mais na minha empresa por isso, mas meu patrão gosta porque sei organizar evento lá para ele. E eu acredito que isso me deu algumas vantagens por eu ter uma aproximação. Hoje, por exemplo, na nossa empresa, eu que faço a apresentação, a fala na festa de final de ano, faz três anos já que eu sou o orador lá da festa. E fora isso, ainda as atividades mesmo, ou estas coisas, assim, de tu saber se virar, sabe? Assim, como quando tu diz: “aconteceu um imprevisto”, e aí, “meu Deus, que é que nós vamos fazer agora?” “Não, péra aí, pessoal, vamos dar um jeito.” “Ah como é que tu sabe isso aí?” “Escoteiro tem que saber servir para alguma coisa”... Às vezes tu dá umas ganhadas nas pessoas com isso.*

*Caio: Uma vez eu ouvi esta mesma frase. Da Evelise. Exatamente a mesma coisa, esse certo dom que não é tão comum, de “saber se virar”. Isso é interessante. Consegues te imaginar daqui a dez anos fora do movimento escoteiro?*

*Diogo: Não. A menos que tenha que ir viajar ou... A única coisa que eu coloco acima do movimento escoteiro é o estudo. Bah, eu tenho que estudar, eu tenho que continuar, eu tenho que continuar evoluindo na questão do estudo, porque isso sim vai me dar ferramentas para trabalhar melhor e para ser uma pessoa melhor. Mas eu acho que depois vem o escotismo, sem dúvidas.*

Estes engajamentos no movimento possuem uma contrapartida, um *contra-dom*, o escoteiro se engaja, faz atividades, vive diferentes experiências. E ganha, em retorno, confiança em si mesmo, exhibe com orgulho uma certa autossuficiência, qualidade necessária para ser um “bom escoteiro”, desenvolve *skills* (Ingold, 2000) advindas de diferentes contextos aos quais ele se expõe.

Ao completar 18 anos e se tornar integrante do ramo pioneiro, o escoteiro começa a sofrer interpelações a partir de atores do movimento escoteiro. É estimulado a agenciar projetos sociais, projetos em prol da instituição em diferentes níveis e a “desenvolver desenvoltura”. Este processo se torna ao mesmo tempo um compromisso (“eu tinha que escolher o escotismo, sabe?”, como disse Diogo) e uma busca (“eu sempre fui questionadora [...] Daí fui conhecendo, conhecendo, quando eu vi, eu estava na ERP”, como disse Bekah), cujo objetivo é o desenvolvimento da individualidade em conjunto com a facilidade de trabalho em equipe (“[...] de escrever no currículo ‘[...] tenho facilidade com liderança de equipe?... Eu me sinto mal de escrever isso. Mas, sim, é verdade. Mas eu me sinto mal”, como afirmou Áquila). Este trabalho se resume em diversificar o léxico de

conhecimentos práticos destes escoteiros enquanto um projeto para tornar-se “alguém melhor”, como afirmou Diogo. Os diversos distintivos que me foram mostrados por Diogo e por Áquila são representações físicas de marcas simbólicas do percurso, da *passagem*, destes escoteiros pelo processo que culminou em seus “eus” atuais. Eles adquiriram estes conhecimentos, estas qualidades, estas *skills*, através de uma doação de si mesmos e de um engajamento com os valores defendidos pelo movimento escoteiro, de se estar preparado para poder auxiliar a outros (e a si mesmos).

A preparação para o mundo adulto no movimento escoteiro se dá por este processo de, através de trabalho em equipes (seja trabalho voluntário, seja apenas a voluntarização de si), se confrontar com adversidades e aprender, na prática, *skills* necessárias para *sobreviver*.



## Conversa de Fogo de Conselho nº 29: Sobre “juventude” e conceitos restritos

*De fato, cada resposta implica fechamento, fim de estrada, fim de conversa. Também sugere nitidez, harmonia, elegância; enfim, qualidades que o mundo narrado não possui. Tenta forçar o mundo numa camisa-de-força na qual ele definitivamente não cabe. Corta as opções, a multidão de sentidos e possibilidades que toda condição humana implica a cada momento. Promete falsamente uma solução simples para uma busca provocada e impelida pela complexidade. Também remete, pois declara que as contradições e incompatibilidades que provocam as questões são fantasmas – efeitos de erros linguísticos ou lógicos, em vez de qualidades acadêmicas endêmicas e irremovíveis da condição humana.*

(Zygmunt Bauman, em entrevista à *Folha de São Paulo*, 19/10/11)

Através da vivência da pesquisa de campo, constantemente deparei-me com o discurso de “serviço ao próximo” e o debate sobre a “formação de melhores cidadãos” no movimento escoteiro. Minha proposta neste estudo foi etnografar como o movimento escoteiro, em suas práticas e discursos, relacionava as categorias de “juventude” e “trabalho voluntário” em seu programa pedagógico, e como este buscava gerar engajamentos específicos.

Penso ser possível afirmar um modo de agir e pensar construído através do pertencimento e da frequência semanal ou quinzenal de uma pessoa no movimento escoteiro. Isto não se refere somente aos símbolos distintivos que escoteiros reconhecem entre si, mas também se refere a uma busca de desenvolvimento de qualidades que podem ser resumidas em “saber se virar”. E para saber se virar é requisitado que este escoteiro se engaje em um processo de aprendizagem e em uma defesa de valores baseados na promessa e lei escoteiras.

Estas qualidades são o resultado de um processo de vivência e aprendizado que sinaliza a oposição ao *pata-tenra*<sup>33</sup>, alterego deste escoteiro ideal. Sinaliza que aquele que

---

33 Palavra êmica, tradução literal para o português da expressão *tenderfoot* utilizada por Baden-Powell.

um dia foi *pata-terra* tornou-se, formou-se, conformou-se através de um processo de passagem marcado por rituais e por marcos pedagógicos para desenvolver habilidades específicas requeridas para ser reconhecido em uma comunidade de pertença imaginária.

Observei o ramo pioneiro neste sentido, como um momento de passagem da juventude para maioridade, através do programa pedagógico proposto pelo movimento escoteiro. E como característica essencial para reconhecer esta entrada no mundo adulto, é valorizado o “servir” a uma entidade comunal acima de qualquer outro sentido.

Ou seja, para desenvolver as qualidades necessárias, o escoteiro deve realizar uma doação de si próprio e engajar-se nos processos e valores defendidos por este movimento e “ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião”. Dessa forma, é constituído um discurso comum e uma identidade comum aos escoteiros, enquanto pessoas que “fazem o bem” ou que “buscam criar um mundo melhor”.

A questão do trabalho voluntário, da vivência do ramo pioneiro e de como estas experiências se modelam como elementos de um momento de passagem para estes jovens em que tanto a “festa” quanto o “trabalho” são elementos essenciais. Acredito ser possível afirmar que os escoteiros executam um *voluntariado*, na medida em que doam seu tempo e seu trabalho com o objetivo de serem enquadrados em comunidades de pertença específicas, mas que seu compromisso é mais interno ao movimento do que às pessoas que recebem seus auxílios. Sendo que as relações afetivas e a construção identitária resultantes desta disposição de si são o contra-dom que recebem.

No debate sobre o que seria o engajamento e a dádiva de si no movimento escoteiro, foi levantada a questão do que seria um envolvimento “válido” para jovens adultos do movimento escoteiro, o que corrobora a noção de que o voluntariado de fato exercido é interno com a instituição, seja em nível local ou nacional.

Teoricamente, este envolvimento dos pioneiros visa à prática de projetos sociais, ou melhor, o auxílio a outros, o “serviço ao próximo”. Acabam modelando, não obstante, mais um envolvimento de escoteiros com a instituição deste movimento, ou seja, um engajamento interno. Os escoteiros doam-se em projetos que visam *não escoteiros*; porém, esta prática possui em si o poder embarador dos discursos específicos e despolitizados, os escoteiros são úteis ao oferecer solidariedade, fazer caridade, para com os outros.

A dádiva de si no movimento escoteiro opera uma noção muito específica de engajamento: a doação de tempo de vida, o aceite de um sistema de valores expressados na ritualística que envolve a promessa escoteira e o estabelecimento de vínculos fraternais, relacionais ou comunitários entre membros destes grupos.

Busquei, neste estudo, dar rosto e nome a estes interlocutores. Ao questionar o que estas pessoas fazem e o que faz delas, elas mesmas, tentei oferecer uma perspectiva, a partir da voz ativa delas, sobre como entendem a vivência desta passagem que é o ra-

mo pioneiro e busquei encontrar o valor “quintessencial” que dá sentido ao seu sistema de pensamento. Onde ofereço a perspectiva *nativa* de imbricamento da ludicidade e do trabalho ou da sociabilidade e do compromisso. Que eles fazem estas atividades crendo no valor de seu serviço para quem recebe esta ajuda e, ao mesmo tempo, buscam nestas atividades o estabelecimento de novas relações afetivas entre escoteiros ou a manutenção de velhas relações.

O que nos leva à questão da visão deles sobre a noção de engajamento necessário no movimento escoteiro e como esta forma específica de engajamento se manifesta. Uma característica visível ao longo de toda a história do movimento escoteiro é o fator da “espontaneidade”. É possível observar este fenômeno em vários níveis, de que a institucionalidade vem após o início de uma prática, ou seja, a instituição é um complemento para o melhor funcionamento de um fenômeno social que já ocorria de forma independente. Como exemplo: Baden-Powell escreveu um livro, jovens começaram a fazer o que este livro dizia; dada à popularidade e rápida adesão de dezenas de jovens, uma instituição começa a ser elaborada para homogeneizar estas práticas.

Porém, apesar de apresentar-se como um movimento e a partir disso configurar uma instituição de certa forma centralizadora, ainda assim o movimento escoteiro é um *movimento de juventude*, de certa forma fluido.

A “juventude” conforme categoria citada ao longo deste texto não oferece elementos catalisadores suficientes para uma síntese. Além dos recortes pragmáticos de idade fixados nos documentos oficiais da União dos Escoteiros do Brasil, não vi falas e práticas suficientes para fazê-lo, porém é implícito que a “juventude” não se pensa, não se autoanalisa. Ela simplesmente *é*, inclusive ela não se dá o nome de juventude, nem se dá nenhum outro nome, quem deu esse nome a ela fomos nós, os *adultos*.

“O jovem” parece mais uma figura idealizada do que uma categoria específica com recorte de idade dentro do movimento escoteiro. Não que isso desautorize o que é afirmado por meus interlocutores sobre o trabalho com o jovem: existem jovens, mas eles são mais multifacetados e heterogêneos do que o vocábulo “jovem” possibilita sintetizar. Ao menos, não creio ser possível utilizar a categoria “juventude” para a maior parte dos casos discutidos na academia atualmente. O conceito “juventude” operante ainda hoje, conforme afirma Polhemus (2014), é uma construção herdada da geração dos *boomers*<sup>34</sup>, porém é questionável o quanto ele foi autoproduzido pelos jovens da época e quanto ele foi

---

34 Geração nascida após o término da II Guerra Mundial, cuja efervescência foi observada nos anos 1960 com o Rock’n’Roll, com a Primavera de Praga, com o Maio de 68, com a resistência estudantil às ditaduras na América Latina e, especialmente, com o movimento hippie e com o início do nicho de mercado de consumo voltado aos jovens. Veja mais em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528214-por-que-juventude-e-um-mito-desatualizado>.

impingido pelos “adultos”. *Ser jovem* não é uma questão essencial na construção identitária dos que hoje são considerados jovens. Outras características são mais essenciais, especialmente no que tange aos maneirismos necessários para ser aceito a grupos de pertença.

Quanto ao trabalho voluntário, este se provou como um item de suma importância no entendimento destes escoteiros com quem conversei durante esses quase dois anos de pesquisa. E, espero, explicita a relação, conforme a vejo, que se estabelece entre o dom, o contra-dom e a reciprocidade. Buscando aliar o *Ensaio sobre a Dádiva* de Mauss (1974a) a outras perspectivas e releituras (Sabourin, 2008; Sigaud, 1999; Le Gall-Ely, Urbain, Gonzales, 2010), porém primando pela análise etnográfica criticamente construída a partir da pesquisa de campo.

Escoteiros doam seu serviço ao próximo ou fazem trabalhos voluntários “porque é isso o que o escoteiro faz”; já o receptor desta dádiva difere conforme o projeto desenvolvido pelo clã ou outro tipo de equipe de trabalho. Mas, especialmente, espero ter explicitado de forma clara o contra-dom (Mauss, 1974a) existente nesta dinâmica, o desenvolvimento de qualidades específicas, de *skill*, de ferramentas que servirão para ajudar o escoteiro a sobreviver na adversidade, seja *into the wild*, seja na selva de concreto. Talvez, a resposta que o movimento escoteiro brasileiro esteja procurando para a questão do que é um *voluntariado* voltado para dinâmicas internas e do que é um trabalho voluntário efetivo de mudança social, seja que estes não devem se referir nem a tendências patrióticas ufanistas, nem à filantropia judaico-cristã da caridade. Mas de uma intenção de mudança estrutural e política. De uma conscientização através do trabalho e do compromisso com os outros. De uma noção efetiva de comunidade. Ou seja, um engajamento *no mundo, com as pessoas*.

# Referências Bibliográficas

- ACHUTTI, Luiz E. R. *Fotoetnografia*: Um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.
- ALBERT, Bruce. “Ethnographic Situation’ and Ethnic Movements: notes on post-malinowskian fieldwork”. In: *Critique of Anthropology*. Vol. 17(1). London: Sage Publications, 1997. P. 53-65
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas Jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (org.). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BADEN-POWELL, Robert S. S. *Escotismo para Rapazes*. Curitiba: UEB, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Lições da Escola da Vida*. Curitiba: UEB, 1986a.
- \_\_\_\_\_. *Caminho para o Sucesso*. Porto Alegre: UEB, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Guia do Chefe Escoteiro*: teoria do adestramento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes. Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. *De Lobinho a Pioneiro*: a criança e o jovem com quem lidamos. Curitiba: UEB, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Aids to Scouting*. Acessado em fevereiro de 2011. Disponível em: <http://pt.scribd.com/Old%20Skool%20Scout/d/208509-Aids-to-Scouting>. (livro original de 1899).
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- BATESON, Gregory. MEAD, Margaret. *Balinese Character*: a photographic analysis. New York: New York Academy of Sciences, 1942.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Globalização*: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- \_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *44 cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Isto Não É Um Diário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BECKER, Howard. “Response to the ‘Manifesto’”. In: *Ethnography*, nº 1; Sage Publications, 2000.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BOULANGER, Antonio. *O Chapelão: histórias da vida de Baden-Powell*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.
- BOURDIEU, P. “Gosto de classe e estilo de vida”. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Atica, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- \_\_\_\_\_. “É possível um ato desinteressado?” In: *Rações Práticas*. Campinas, Papirus, 1996, p. 137-161.
- BRAUDEL, F. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2 vol. New York: Harper and Row, 1972.
- BRUNER, Edward M. “Ethnography as Narrative”. In: TURNER, Victor; BRUNER, Eduward. *The Anthropology of Experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.
- BUREAU MONDIAL DU SCOUTISME. *Scoutisme et Paix*. Genebra: WOSM/UNESCO, 2002.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” In.: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.
- CAVALCANTE, Thiago L. V. “Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância de pesquisa”. In: *Revista História*; v. 30, n.1, jan/jun; São Paulo; 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHANIAL, Philippe. “Ce que le donner donne a voir: esquisse d’une grammaire des relations humaines en cle de don”. In: *Mauss Vivant: Seminaire International* (13-20 de junho), Cerisy-la-Salle, 2009, p.31-61.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: \_\_\_\_\_. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- DUARTE, Adriana. *Informação, comunicação e sociabilidade na internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro* (tese de doutorado). PPGCI/UFMG, 2005.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. In *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FONSECA, Maria de Lurdes. *Cidadania, Democracia, Juventude e Voluntariado numa Abordagem Sociológica*. Lisboa: USCSP-UTL, 2001.
- GABRIEL, Yara C. *Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922)*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: PPGEd/PUCSP, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUEDES, Simoni. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: EDUFF, 1997.
- HENAFF, Henaff. “Sur la norme de reciprocité”. In: *Mauss Vivant: Seminaire International* (13-20 de junho), Cerisy-la-Salle, 2009, p.67-77.
- HOBSBAWM, Eric. “Symboles, vêtements et socialisme”. In: *Actes de la Recherche*. N° 23, set. 1978.

- \_\_\_\_\_. “Introdução: a invenção das tradições”. In: \_\_\_\_\_. RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Tempos Interessantes: uma vida no séc. XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- INGOLD, Tim. *The Perception of Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Anthropology is not Ethnography”. In: \_\_\_\_\_. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. Londres: Routledge, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem”. In: STEIL, Carlos A.; CARVALHO, Isabel C. de Moura. *Cultura, Percepção e Ambiente: diálogo com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- LA BRETÈQUE, François de. “Le Regard du Cinéma sur Le Moyen Âge”. In: LE GOFF, Jacques; LOBRICHON, Guy (dir.). *Le Moyen Age Aujourd'hui*. Paris: Éditions Leopard d'Or, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- LE GALL-ELY, Marine. URBAIN, Caroline. GONZALEZ, Christine. “Je donne donc je suis” ou comment le don participe de la construction identitaire. Paris: Agence Nationale de la Recherche, 2010.
- LE GOFF, Jacques. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_. *L'imaginaire Médiéval*. Paris: Gallimard, 1985.
- \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Ed. Abril, 1978.
- MACIEL, M. E.; ALVES, Caleb F. (org.). *O Lugar Comum da Diferença*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.
- MAUSS, Marcel. “Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques”. In: \_\_\_\_\_, *Sociologie et anthropologie*, Paris, 1923-1924. Disponível em: [classiques.uqac.ca/classiques/mauss\\_marcel/socio\\_et\\_anthropo/2\\_essai\\_sur\\_le\\_don/essai\\_sur\\_le\\_don.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/2_essai_sur_le_don/essai_sur_le_don.html). Acessado em outubro de 2011.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974a.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de “eu”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974b.
- MEAD, Margaret. “Visual Anthropology in a discipline of words”, In: \_\_\_\_\_. *Principles of Visual Anthropology*. Paul Hockings (ed.), Mouton Publisher, 1975.
- MEIRA, Monica B. V. “Sobre estruturas etárias e ritos de passagem”. In: *Ponto-e-Vírgula*. n° 5: p.185-201, 2009.
- MELUCCI, Alberto. “Juventude, Tempo e Movimentos Sociais” (tradução de Angelina Teixeira Peralva). In: *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago, N° 5; Set/Out/Nov/Dez, N° 6. 1997.
- MOTT, Luiz. *Etno-história da Homossexualidade na América Latina*. (Seminário-Taller de Historia de las Mentalidades y los Imaginarios). Bogotá: Pontificia Universidade Javeriana, 1994.

- MOTTA, Maria I. F. *Bandeirantismo no Brasil: Um estudo de caso sobre mulher e modernidade* (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 1988.
- NASCIMENTO, Jorge C. *A Escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- NETO, David Izeckson. *Brownsea: conhecendo o local onde o escotismo começou*. Curitiba: UEB, 2010.
- PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.
- POLHEMUS, Ted. Why “youth” is an outdated myth. *Pop.Anth.* 22/01/2014. Disponível em: <http://popanth.com/article/why-youth-is-an-outdated-myth/>.
- POLHEMUS, Ted. O mito da juventude: “O problema de envelhecer é dos velhos”. Entrevista especial com Ted Polhemus. *Entrevistas. Instituto Humanitas Unisinos – IHU*. 04/03/2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/528670-o-mito-da-juventude-o-problema-de-envelhecer-e-dos-velhos-entrevista-especial-com-ted-polhemus>.
- PULLMAN, Philip. *A Faca Sutil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- RAMOS, Alcida. *Do Engajamento ao Desprendimento*. Revista Campos, nº 8(1). 2007. P. 11-32.
- SABOURIN, Eric. *Marvel Maus: de dádiva à questão da reciprocidade*. RBCS Vol. 23 nº. 66 fevereiro/2008.
- SAKA, Erkan. *Blogging as a research tool for ethnographic fieldwork*. (paper apresentado à) EASA: Media Anthropology Network e-seminar: Istanbul Bilgi University, 2008. Disponível em: [www.media-anthropology.net](http://www.media-anthropology.net). Acessado em: novembro de 2012.
- SANTOS JR, Lourival F. *Escoteiros de Tupã-Ci: 60 anos cultivando um ideal 1941-2001*. Porto Alegre: Graf. Metropole, 2001.
- SCHWARCZ, Lilian. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. *Novos estudos – CEBRAP*. Nº 72. São Paulo, 2005.
- SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do ensaio sobre o dom”. In: *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 5 (2): p. 89-124, Rio de Janeiro, 1999.
- SILVA, Patricia Kunrath. *Vestindo a Camiseta: engajamento institucional e construção de identidades no contexto de intercâmbios culturais da AIESEC*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2012.
- SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: P&PM, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Mauro. “Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento público”. In: *Novos Olhares*, USP, no. 3, 1999, p.12-30.
- SOUZA, Max. *Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: PPGAS/USP, 2010.
- THOMÉ, Nilson. “Escotismo em Caçador (SC): História de uma instituição extra-classe”. In: *Anais da VI Jornada do HISTEDBR*, Ponta Grossa, 8/11/2005. Cd Rom.
- \_\_\_\_\_. Movimento Escoteiro: projeto educativo extra-escolar. In: *Revista HISTEDBR Online*. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- VANHOENACKER, Maxime. “De la difficulté à résister et au consensus pour des animateurs bénévoles des EEDF (Éclaireuses et Éclaireurs de France – mouvement laïque Du scoutisme français)”. LAIOS-EHESS/CNRS. In: *ADELS – XI<sup>e</sup> Rencontres de la démocratie locale*. 2009.
- VELOSO, Mariza. “O Fetiche do Patrimônio”. In: *Habitus*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437-454, jan-jul/2006.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. *Relatório Annual 2010*. Curitiba: UEB, 2011.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. *Relatório Annual 2012*. Curitiba: UEB, 2013.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 294
- WILLIS, Paul. *Common Culture: symbolic work at play in the everyday cultures of the young*. Buckingham: Open University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. TRONDMAN, Mats. “Manifesto for Ethnography”. In: *Ethnography*, n° 1; Sage Publications, 2000.
- WORLD SCOUT ORGANIZATION. *As Características Essenciais do Escotismo*. Curitiba: UEB, 2008.
- ZAPATA, Laura. *La mano que caricia la pobreza: etnografía del voluntariado católico*. Buenos Aires: Antropofagia, 2005.

# Temas dos Cadernos IHU

- N. 01 – *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*  
Hilário Dick
- N. 02 – *O mundo das religiões em Canoas*  
José Ivo Follmann (Coord.), Adevanir Aparecida Pinheiro, Inácio José Sphor & Geraldo Alzemiros Schweinberger
- N. 03 – *O pensamento político e religioso de José Martí*  
Werner Altmann
- N. 04 – *A construção da telerrealidade: O Caso Linha Direta*  
Sonia Montañó
- N. 05 – *Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*  
André Langer
- N. 06 – *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado – Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil: Algumas considerações*  
Mário Maestri
- N. 07 – *A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*  
Antônio Fausto Neto
- N. 08 – *Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. Dimensões históricas*  
Pedro Gilberto Gomes
- N. 09 – *Religiosidade midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos?*  
Atilio Hartmann
- N. 10 – *O mundo das religiões em Sapucaia do Sul*  
José Ivo Follmann (Coord.)
- N. 11 – *Às margens juvenis de São Leopoldo: Dados para entender o fenômeno juvenil na região*  
Hilário Dick (Coord.)
- N. 12 – *Agricultura Familiar e Trabalho Assalariado: Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes*  
Armando Triches Enderle
- N. 13 – *O Escravismo Colonial: A revolução Copernicana de Jacob Gorender – A Gênese, o Reconhecimento, a Deslegitimação*  
Mário Maestri
- N. 14 – *Lealdade nas Atuais Relações de Trabalho*  
Lauro Antônio Lacerda d'Ávila
- N. 15 – *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*  
Naomar de Almeida Filho
- N. 16 – *Perspectivas do diálogo em Gadamer: A questão do método*  
Sérgio Ricardo Silva Gacki
- N. 17 – *Estudando as Religiões: Aspectos da história e da identidade religiosas*  
Adevanir Aparecida Pinheiro, Cleide Olsson Schneider & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 18 – *Discursos a Beira dos Sinos – A Emergência de Novos Valores na Juventude: O Caso de São Leopoldo*  
Hilário Dick (Coordenador)
- N. 19 – *Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo*  
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 20 – *Cooperativismo de Trabalho: Avanço ou Precarização? Um Estudo de Caso*  
Lucas Henrique da Luz
- N. 21 – *Educação Popular e Pós-Modernidade: Um olhar em tempos de incerteza*  
Jaime José Zitkoski
- N. 22 – *A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul*  
Jorge Euzébio Assumpção  
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Orgs.)
- N. 23 – *Emergência das lideranças na Economia Solidária*  
Robinson Henrique Scholz
- N. 24 – *Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários*  
Marina Rodrigues Martins

- N. 25 – *Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica*  
Leonardo Grison
- N. 26 – *O cooperativismo habitacional como perspectiva de transformação da sociedade: uma interlocução com o Serviço Social*  
Célia Maria Teixeira Severo
- N. 27 – *O Serviço Social no Judiciário: uma experiência de redimensionamento da concepção de cidadania na perspectiva dos direitos e deveres*  
Vanessa Lidiane Gomes
- N. 28 – *Responsabilidade social e impacto social: Estudo de caso exploratório sobre um projeto social na área da saúde da Unisinos*  
Deise Cristina Carvalho
- N. 29 – *Ergologia e (auto)gestão: um estudo em iniciativas de trabalho associado*  
Vera Regina Schmitz
- N. 30 – *Afrodscendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada*  
Adevanir Aparecida Pinheiro; Leticia Pereira Maria & José Ivo Follmann  
*Memórias de uma São Leopoldo negra*  
Adevanir Aparecida Pinheiro & Leticia Pereira Maria
- N. 31 – *No Fio da Navalha: a aplicabilidade da Lei Maria da Penha no Vale dos Sinos*  
Ângela Maria Pereira da Silva, Ceres Valle Machado, Elma Tereza Puntel, Fernanda Wronski, Izalmar Liziane Dorneles, Laurinda Marques Lemos Leoni, Magali Hallmann Grezzana, Maria Aparecida Cubas Pscheidt, Maria Aparecida M. de Rocha, Marilene Maia, Marleci V. Hoffmeister, Sirlei de Oliveira e Tatiana Gonçalves Lima (Orgs.)
- N. 32 – *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*  
Cesar Sanson
- N. 33 – *Globalização missioneira: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*  
Ana Luísa Janeira
- N. 34 – *Mutações no mundo do trabalho: A concepção de trabalho de jovens pobres*  
André Langer
- N. 35 – *“E o Verbo se fez bit”?: Uma análise da experiência religiosa na internet*  
Moisés Sbardelotto
- N. 36 – *Derrida e a educação: O acontecimento do impossível*  
Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
- N. 37 – *Curar um mundo ferido: Relatório especial sobre ecologia*  
Secretariado de Justiça Social e Ecologia da Companhia de Jesus
- N. 38 – *Sacralização da natureza: Henrique Luiz Roessler e as ideias protecionistas no Brasil (1930-1960)*  
Elenita Malta Pereira
- N. 39 – *A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben*  
Castor M. M. Bartolomé Ruiz
- N. 40 – *São Leopoldo e a “Revolução de 1930”?: Um possível uso da fotografia como documento histórico*  
Tiago de Oliveira Bruinelli
- N. 41 – *Olhares multidisciplinares sobre economia solidária: Reflexões a partir de experiências do Programa Tecnossociais*  
Carlos Roncato, Célia Maria Teixeira Severo, Cláudio Ogando, Priscila da Rosa Boff e Renata dos Santos Hahn
- N. 42 – *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*  
Antonio Marcos Alves da Silva
- N. 43 – *(Bio)políticas de educação inclusiva e de saúde mental: a (in)visibilidade do sofrimento psíquico*  
Édina Mayer Vergara
- N. 44 – *Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes*  
Alex Martins Moraes, Carolina Castañeda, Caio Fernando Flores Coelho, Dayana Uchaki de Matos, Juliana Mesomo, Luiza Dias Flores, Orson Soares, Rita Becker Lewkowitz, Rodrigo dos Santos Melo & Walter Günther Rodrigues Lippold
- N. 45 – *As práticas religiosas dos “Sem Religião” nas comunidades virtuais*  
Rafael Lopez Villasenor
- N. 46 – *Estética do Acaso: Um estudo antropológico sobre a dinâmica estética e econômica na Vila Chocolate*  
Marcos Freire de Andrade Neves
- N. 47 – *Além de Belo Monte e das outras barragens: o crescentismo contra as populações indígenas*  
Christian Guy Caubet & Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski
- N. 48 – *A Empatia em Edith Stein*  
Renaldo Elesbão de Almeida



**Caio Fernando Flores Coelho** é um etnógrafo preocupado com o desvelamento de imaginários e com as possibilidades de trabalho acadêmico com uso de recursos imagéticos. É mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2013) e possui licenciatura plena em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos (2008). Em 2013, começou a trabalhar no Instituto Humanitas Unisinos – IHU como coordenador de seu programa de publicações. Entre 2009 e 2010, desenvolveu projetos de política patrimonial no Museu Histórico Vale do Caí (São Sebastião do Caí). É membro do Grupo de Estudos e da Rede de Antropologia Crítica – GEAC/RAC, além de editor associado do *Directory of Open Access Journals* – DOAJ e colaborador de mídias sociais do HAU: *Journal of Ethnographic Theory*. Tem experiência nas áreas de antropologia urbana e história das sensibilidades, atuando nos seguintes temas: fotoetnografia, identidade, história e imagem, imaginário e sistemas simbólicos.

### Algumas obras do autor

COELHO, Caio F. F. *A Dádiva de Si*: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro. 2013. 159 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/88338>)

COELHO, Caio F. F.; MORAES, Alex M. (orgs.). *Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes*. *Cadernos IHU*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, ano 11, n. 44, v. 11, 2013. (Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/044cadernosihu.pdf>)

COELHO, Caio F. F. *Sobre erotnografia*. *A Tinta Crítica*, Porto Alegre, no. 02, 2012. P. 4. (Disponível em [http://antropologiacritica.files.wordpress.com/2012/05/jornal\\_n2.pdf](http://antropologiacritica.files.wordpress.com/2012/05/jornal_n2.pdf))

\_\_\_\_\_. *De Gildas a Antoine Fuqua*: Rei Arthur e o cinema. 2008. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.